



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**JANINI KAREN VIEIRA DE MELO**

**ESTADO, POLÍTICA E FÉ: o discurso do Deputado Federal Marco Feliciano**

**Catolé do Rocha - PB**

**2016**

**JANINI KAREN VIEIRA DE MELO**

**ESTADO, POLÍTICA E FÉ: o discurso do Deputado Federal Marco Feliciano**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dr. Mauriene Freitas.

**Catolé do Rocha – PB**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528e Melo, Janini Karen Vieira de.

Estado, política e fé [manuscrito] : o discurso do deputado federal Marco Feliciano / Janini Karen Vieira de Melo. - 2016.  
65 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Mauriene Freitas, Departamento de  
Letras e Humanidades".

1. Análise. 2. Marco Feliciano. 3. Discurso. 4. Entrevista. I.  
Título.

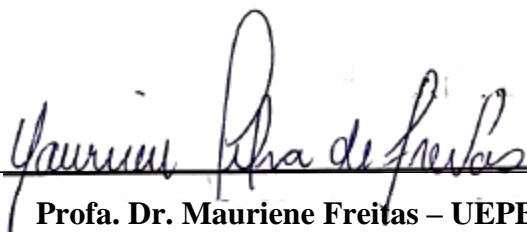
21. ed. CDD 401.41

**JANINI KAREN VIEIRA DE MELO**

**ESTADO, POLÍTICA E FÉ: o discurso do Deputado Federal Marco Feliciano**

Aprovado em: 24 de maio de 2016

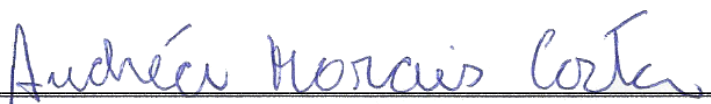
**BANCA EXAMINADORA**



---

**Profa. Dr. Mauriene Freitas – UEPB**

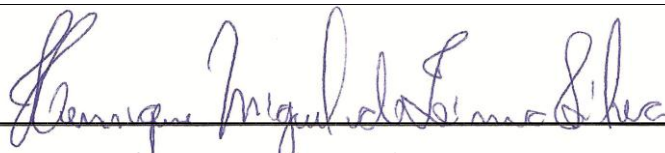
**Orientadora**



---

**Profa. Dr. Andréa Costa Morais – UEPB**

**Examinadora**



---

**Prof. Msc Henrique Miguel – UEPB**

**Examinador**

**Catolé do Rocha – PB**

**2016**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família que me apoiou durante todo o curso, incentivando-me a realizá-lo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e determinação que me deste para concluir mais uma etapa importante em minha vida.

Aos meus pais, Carlos e Ilma, por me ajudarem em todas as minhas fragilidades, encorajando-me nos momentos de angústias perante tantos desafios, acreditando em mim a todo o instante.

Ao meu esposo e filha, Juciê e Jennifer, que muito contribuíram para que eu não desistisse de realizar este sonho.

À minha orientadora Mauriene Freitas, por ter me auxiliado com muito boa vontade, não hesitando em momento algum em me ajudar a realizar o presente trabalho e também pela paciência com que contribuiu para execução do mesmo.

Aos mestres que me guiaram no caminho do saber, proporcionando momentos únicos de aprendizagem.

A todos os colegas de classe que me ajudaram durante o curso, em especial à Daiana, Fabíola, Luciana, Samuel, Silmara e Monara, pois a força e companheirismo destes foram fundamentais na busca da concretização desta jornada.

Aos funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, Campus IV, que foram excelentes em todo o período de aulas, em especial ao amigo Francisco Bezerra Neto (Irmão Neto), por estar sempre me apoiando em todos os momentos e decisões aqui tomadas.

Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram no desenvolvimento deste trabalho, os meus sinceros agradecimentos.

“O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas.”

Vygotsky

## RESUMO

Este trabalho, baseado nos pressupostos teórico-metodológicos da análise crítica do discurso, especificamente centrado nas concepções de discurso do autor inglês Norman Fairclough (2001), que utiliza na construção de sua teoria outros autores de viés crítico-social, tais como Gramsci, Althusser, Thompson, Habermas, entre outros. Visando investigar os discursos e sentidos das exposições orais realizadas pelo Pastor e Deputado Marco Feliciano na mídia sobre os mais diversos temas, em especial dos temas que tratam das minorias (homossexualidade, racismo, feminismo e outros). Foi preferível trabalhar a entrevista do deputado federal e pastor Marco Feliciano como *corpus* deste trabalho, pois a mesma aborda temas polêmicos relacionados à sociedade, considerando os impactos e as repercussões da fala deste durante a referida entrevista. É objetivo deste trabalho analisar o discurso do pastor e deputado federal Marco Feliciano, em especial na entrevista realizada no Programa Poder e Política Entrevista, gravada no dia primeiro de abril do ano de dois mil e treze, a qual tem como entrevistador o jornalista Fernando Rodrigues. Esta é uma realização do portal UOL e do jornal Folha de São Paulo, no estúdio do Grupo Folha, em Brasília. Utilizaremos como aparato teórico a Análise do Discurso inglesa que resulta na identificação daquele que conduz a narrativa dos acontecimentos e das propostas que elabora para os interlocutores, ou seja, pedidos e/ou ordens.

**Palavras-chave:** Análise. Marco Feliciano. Discurso. Entrevista.

## ABSTRACT

This work, based on theoretical and methodological assumptions of critical discourse analysis, specifically focused on the author's speech conceptions English Norman Fairclough (2001), which uses in building his theory other authors critical-social bias, such as Gramsci, Althusser Thompson, Habermas, among others. In order to investigate the discourses and meanings of oral statements made by Pastor and Mr Marco Feliciano in the media on various issues, particularly the issues dealing with minorities (homosexuality, racism, feminism and others). It was preferable to work the interview of Congressman and Pastor Marco Feliciano as corpus of this work, because it deals with controversial issues related to society, considering the impacts and effects of this speech during the interview. It is the aim of this work to analyze the speech of the pastor and congressman Marco Feliciano, especially in the interview in Power Program and Interview Politics, recorded on April 1 of the year two thousand and thirteen, which has the interviewer journalist Fernando Rodrigues . This is a realization of the portal UOL and Folha de São Paulo, the Folha Group studio in Brasilia. We use as theoretical apparatus English discourse analysis that results in the identification of that which leads the narrative of events and proposed working for the interlocutors, ie, requests and / or orders.

**Key-words:** Analysis. Marco Feliciano. Speech. Interview.



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o discurso do pastor e deputado federal Marco Feliciano, norteado especificamente pela análise crítica do discurso de uma entrevista concedida pelo Deputado Marco Feliciano ao portal UOL, no ano de 2013. Marco Feliciano é Pastor e Deputado Federal pelo PSC/SP (Partido Social Cristão).

É objetivo desse trabalho, analisar o discurso de Marco Feliciano seguindo os preceitos teóricos metodológicos propostos por Fairclough (2001). Assim nos debruçaremos sobre o tripé analítico do autor inglês - o texto, as práticas discursivas e as práticas sociais-, especialmente, nessa última categoria já que nos deteremos nas práticas sociais apontadas nos discursos do deputado federal. Para compreender quais são as categorias criadas pelo teórico para analisar a relação dessas categorias construídas, aplicaremos a análise no gênero textual objeto de nossa pesquisa: a entrevista.

Segundo Dionísio, Machado e Bezerra (2003) este gênero tem a finalidade de informar ao público sobre um determinado tema ou pessoa através de uma interação existente entre os interlocutores: que são o (s) entrevistado (s) e o entrevistador. O entrevistado tem como objetivo relatar experiências e conhecimentos sobre um determinado assunto ou sobre a sua vida, como veremos mais adiante em nosso *corpus*.

A metodologia deste trabalho é analítica já que intencionamos analisar o discurso da personalidade em questão. No entanto, para conseguirmos o *corpus*, fizemos um recorte e decidimos utilizar uma entrevista do deputado. Tal escolha se deve a esse gênero conceder um espaço de fala considerável ao entrevistado. Assim, dentre outras falas do deputado realizadas em diferentes âmbitos, escolhemos esta por tratar de todos os temas que desejávamos trabalhar em uma única fonte. O linguista inglês Norman Fairclough (2001) ao estabelecer a sua Teoria Social do Discurso concebe o discurso em três dimensões. Primeiro como texto, logo após como prática discursiva e por fim como prática social, enfatizando principalmente a linguagem.

Podemos observar algumas contribuições do discurso para as relações sociais. A primeira delas é a construção de “identidades sociais” e “posições de sujeito” para os sujeitos sociais e os tipos de “eu”. Em seguida, o discurso contribui para a construção das relações sociais entre pessoas. E por último, o discurso também contribui para a construção de sistemas de conhecimentos e crenças.

A prática discursiva na sociedade não é um mero jogo de idéias, mas sim uma prática social que está se firmando em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas,

portanto, a mesma não é individual. Esta prática social tem alguns fatores que interfere nela mesma, denominadas de orientações, sendo eles a prática econômica, política, cultural e ideológica.

O discurso está implicado em todas estas práticas, sem que se reduza qualquer uma delas do mesmo. Porém, dar-se-ia maior ênfase ao discurso como prática política e ideológica. A primeira estabelece as relações de poder e as entidades coletivas, como: classes, blocos, entre outras, as quais existem relações de poder. Já a segunda, constitui e transforma significados de posições diversas do mundo nas relações de poder. Ambas as práticas são dependentes uma da outra.

Fairclough (2001, P. 95) afirma que: “Os diferentes tipos de discurso, em domínios ou ambientes institucionais, podem ser investidos política e ideologicamente, cada um de forma particular”, podendo ser reinvestido. Existe ainda uma estrutura ideológica da sociedade na qual se destacam conjuntos de instituições que são: igreja, organização escolar e imprensa.

Para Fairclough (2001) ainda existe o interdiscurso que é aquilo que constitui a essência estrutural que está subentendida aos eventos dos discursos, não a formação individual e/ou o código. Vários destes eventos discursivos revelam uma tendência para configurações de elementos do código e também para seus limites, para que assim, considere-se como regra o acontecimento discursivo existente. Por este motivo encontramos várias vezes, a presença de vocábulos, expressões e significâncias religiosas para justificar os posicionamentos do deputado federal.

Podemos afirmar que “Até agora, o foco está principalmente no que torna o discurso semelhante a outras formas de prática social” (Fairclough, 2001, p. 99). Porém, a prática discursiva vem manifestando-se em forma lingüística, partindo da linguagem, seja esta falada ou escrita.

Um discurso particular sendo analisado como prática discursiva tem como foco os processos de produção, distribuição e consumo textual. Estes processos são sociais e exigem que sejam feitas referências quanto aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares, onde é gerado o discurso. Ao tentar explicar os processos cognitivos de prática discursiva, nos deparamos com algumas preocupações e a principal delas é a de estabelecer ligações claras entre modos de organização e interpretação textual, por exemplo, a forma como são produzidos, distribuídos e consumidos os textos.

Para o autor, Norman Fairclough, deve-se compreender como os mundos “ordenados” ou “explicáveis” são produzidos através dos membros das comunidades sociais,

que moldam suas práticas de maneira leviana por meio de estruturas sociais, relações de poder como também pela natureza da prática social a qual estão inseridos. Desta forma, seus procedimentos e práticas poderão ser investidos política e ideologicamente.

Os procedimentos usados pelos membros são contraditórios e, portanto, contestados nas lutas de natureza parcialmente discursivas. A parte deste procedimento que trabalha a análise textual será denominada de “descrição” e as partes que manuseiam a análise da prática discursiva e da análise da prática social cujo discurso faz parte, podem ser denominadas “interpretação”.

Por inúmeras razões, jamais podemos falar sobre aspectos de um texto sem nos referirmos à produção como também a interpretação do mesmo. Quaisquer aspectos textuais são potencialmente significativos na análise de discurso. Ao serem feitas análises de textos, sempre serão examinadas questões de forma e significado simultaneamente. Os textos geralmente são ambivalentes e abertos a diversas interpretações. Fairclough (2001) afirma que se pode organizar a análise textual em quatro diferentes itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

O primeiro (vocabulário) vem tratar principalmente das palavras individuais; o segundo (gramática) por sua vez trata das palavras combinadas, sejam em frases ou até mesmo orações; o terceiro item citado acima (coesão) trata da ligação entre orações e frases; o último deles (estrutura textual) trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos. O mesmo ocorre na análise do discurso, ou seja, pode-se observar três itens principais: a força presente em enunciados, como promessas, ameaças, etc.; a coerência textual e a intertextualidade dos textos.

Processos de produção, como também de distribuição e consumo textual, são envolvidos pela prática discursiva, variando de natureza entre tipos de discursos diferenciados de acordo com fatores sociais relacionados a estes. Os textos também são consumidos de formas diversas em diferentes contextos sociais aos quais se encontram.

A prática discursiva antes de ser transposta para um texto é bastante diferente de quando passa a ser produzida para o mesmo. Textos como discursos políticos ou livros-texto são modificados, transformando-se assim em textos diferenciados. Textos de natureza extra discursiva, apresentam resultados diferentes, como também em textos de natureza discursiva..

Os aspectos do processamento textual numa abordagem sociocognitiva, vêm contribuir para a explicação de como a ambivalência potencial é reduzida pelos intérpretes mostrando, portanto, em que contexto aquela prática discursiva foi feita e o efeito desse

contexto na redução da ambivalência, num estreito sentido de "contexto" como àquele que vem preceder um texto, por exemplo.

Porém, este também inclui o que se chama "contexto de situação". O contexto analisa a prática do discurso, afetando assim a interpretação do texto, variando de um tipo de discurso para outro. O texto possui um componente acional, que é a força existente em parte do mesmo. Como parte de seu significado, a ação que realiza e quais os atos de fala que este desempenha. Força, por sua vez, contrapõe-se com a "proposição", afirma Fairclough (2001).

Os tipos de discurso podem ocorrer de maneiras diversas, com novos modos de intertextualidade manifesta. Transformando também, rotineiras as formas de recorrer a convenções e a textos. Portanto, a mudança discursiva necessita estar ligada a uma teoria de mudança social e política, para que se possa investigar a mesma estando inclusa em processos mais amplos de mudança social e cultural.

Fairclough (2001) acredita que uma combinação denominada de "microanálise" e "macroanálise" deva estar envolvida na análise da prática discursiva. A primeira é o tipo de análise que distingue os analistas da conversação; uma precisa explicação de como os textos são produzidos e interpretados pelos participantes, baseando-se em recursos dos membros. Já a segunda, complementa este tipo de análise, para que passem a ser conhecidos: a natureza dos recursos desses membros e a natureza da ordem de discurso ao qual se recorre para que haja a produção e interpretação dos textos.

É graças à inter-relação dessa combinação (microanálise e macroanálise), que a importância da prática discursiva na teoria tridimensional do teórico supracitado, pode mediar a relação da prática social e do texto, por exemplo, a ordem natural da prática social, determina os macro processos da prática discursiva, e os micro processos adaptam o texto.

O autor explicará ainda aspectos da terceira dimensão de sua teoria tridimensional, ou seja, discurso como prática social. O mesmo discutirá especificamente o conceito de discurso com relação ao sistema de idéias e também relacionado ao poder, situando o discurso em uma concepção de poder como hegemonia, nessa concepção, o discurso, por sua vez, passa a ser observado como uma ação social com relação de ideologia como também de poder.

No que diz respeito à ideologia, Fairclough (2001) considera bastante influente o conceito de ALTHUSSER, porém com algumas restrições no que se refere ao sujeito. As bases teóricas são três asserções sobre ideologia, a primeira é de que a mesma tem existência material nas práticas das instituições, outra asserção é que a ideologia interpela os sujeitos que conduz a compreensão de que a constituição do sujeito é um dos efeitos ideológicos de maior

importância no discurso, apesar de ignorados pelos lingüistas; e a última destas considera os aparelhos ideológicos, por exemplo, instituições como educação e/ou mídia, locais e marcos delimitadores na luta de classe, apontando para a luta no discurso e está subentendido a de uma análise de discurso orientada ideologicamente.

Para Fairclough (2001, p. 117) “as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as entidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.”

As práticas discursivas possuem ideologias que são muito eficazes ao se tornarem naturalizadas, atingindo assim o ‘senso comum’. Quando essas práticas entram em contraste num domínio particular ou institucional, é provável que parte desse contraste seja ideológica.

Com relação à opção de estrutura, esta não reconhece os investimentos ideológicos das ordens do discurso sobre as convenções particulares do mesmo. É, portanto, uma alternativa para a opção de estrutura, que se localize no evento discursivo a ideologia, com ressalvas para a ideologia como processo, transformações e fluidez.

As ideologias encontram-se presentes nos textos, porém, não é possível ler os traços e estruturas ideológicas nestes. Os sentidos são produzidos por meio de interpretações diversas. Por isso que nos debruçaremos no discurso de Marcos Feliciano para identificar a ideologia intrínseca em suas práticas discursivas para que elas iluminem as identificações de suas práticas sociais. Fairclough (2001, p. 119) afirma ainda que “os processos ideológicos pertencem aos discursos como eventos sociais completos – são processos entre as pessoas – não apenas aos textos que são momentos de tais eventos.”

Pode-se observar que as ideologias construídas nas convenções, são de certa forma naturalizadas e automatizadas; para as pessoas será de difícil compreensão que suas práticas normais possam ter investimentos especificadamente ideológicos. O teórico citado anteriormente defende uma modalidade de educação lingüística, que por sua vez dá ênfase à consciência crítica de processos ideológicos discursivos, para que assim as pessoas tornem-se conscientes de suas práticas, como também tornar-se-ão mais críticas com relação aos discursos ideológicos aos quais estarão submetidos.

Os sujeitos são expostos a práticas e ideologias diversas agindo, portanto, de forma criativa no que se referem as suas próprias conexões; estes são posicionados ideologicamente. Práticas discursivas nem sempre são ideológicas, apesar de serem investidas dessa forma ao reunirem significações que possam contribuir com relações de dominação, mantendo as relações de poder, dando nova estrutura as mesmas.

No que diz respeito à hegemonia, seu conceito é a peça central da análise feita pelo teórico Gramsci (1971), do capitalismo central e da estratégia revolucionária na Europa Central. Hegemonia segundo Fairclough (2001) é liderança sobre a sociedade como um todo, é também poder quanto os domínios econômicos políticos, culturais e ideológicos; além de construir alianças e uma interação menor do que as classes menores e submissas. Hegemonia é também foco da constante luta de classe para que possam manter ou não relação de dominação.

Gramsci (1971 p. 328) considera a ideologia “uma concepção do mundo que esta implicitamente manifesta na arte, no direito, na atividade econômica e nas manifestações da vida individual e coletiva.”

## 1 GÊNERO TEXTUAL ENTREVISTA

Os gêneros textuais surgem juntamente com algumas necessidades e atividades sócio-comunicativas, sejam estas orais ou escritas. Os mesmos referem-se a diversas formas de expressão empregadas nos textos. Existem, entretanto, inúmeros exemplos de gêneros textuais como: artigo de opinião, carta comercial, entrevista, resenha, reportagem, relatórios, entre outros. Em tese, Charles Bazerman afirma que:

Podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como *fenômenos de reconhecimento psicossocial* que são parte de processos de atividades socialmente organizadas. Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. [...] Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (Bazerman, 2011, p. 32).

Desta forma os gêneros textuais possuem uma função social de entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, estes surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais.

Marcuschi (2008, p.21) entende a noção de gênero textual como forma de ação social, não como organização linguística formalmente construída. Com base nessa definição, devemos considerar como gênero construções escritas, orais, verbais e não verbais. Pois, “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (MARCUSCHI,2008, p.147).

Os gêneros textuais são, portanto, fenômenos históricos, extremamente vinculados à vida cultural e social. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social em toda situação comunicativa.

Um quadro teórico que se revela muito produtivo para se pensar na relação entre gênero e prática é o da Análise Crítica de Discurso proposta por Fairclough (2001). Elencado em nosso aparato teórico. Segundo o autor: “A prática discursiva [...] envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais” (pg. 106). Mediante esse conceito, podemos dizer que a prática discursiva é um dos processos de realização do texto e, nesse sentido, do gênero.

A função elementar dos gêneros comunicativos na vida social é de organizar, rotinizar e condicionar (em maior ou menor grau) as soluções para problemas comunicativos recorrentes. Os problemas comunicativos para os quais tais soluções são estabelecidas socialmente e depositadas no estoque social do conhecimento tendem a ser aqueles que afetam os aspectos comunicativos das interações sociais que são importantes para a manutenção de uma dada ordem social... Dessa forma, sociedades diferentes não têm o mesmo repertório de gêneros comunicativos, bem como os gêneros comunicativos de uma época podem se dissolver em processos comunicativos mais “espontâneos”, enquanto outros gêneros até então pouco definidos podem se congelar em novos gêneros (LUCKMANN, 1992 apud BAZERMAN, 2011, p. 59).

Os gêneros textuais têm, entretanto, a função de informar e transmitir conhecimentos sobre um referido assunto ou tema. O gênero textual que iremos trabalhar é o gênero entrevista, que é caracterizado, muitas vezes, como um gênero oral, já que as entrevistas são realizadas, em sua maioria, através de perguntas e respostas produzidas oralmente entre os interlocutores, ou seja, um entrevistador e um entrevistado.

Porém, existem algumas entrevistas que são transcritas para o papel ou ainda feitas pela linguagem escrita, fazendo com que esta seja vista diferentemente da entrevista oral, já que elas são diferenciadas pela linguagem corporal, como gestos, interrupção e retomada de pensamentos, que por sua vez estão presentes apenas na entrevista oral.

Assim, a estrutura textual do gênero entrevista possui uma função social importante. Uma vez que objetiva a realização de um debate sobre determinado tema, tendo o discurso direto sua principal característica. Tem a finalidade de informar, de gerar a formação de opinião e posicionamento crítico sobre certo assunto. Como ocorre em nosso *corpus*, onde o deputado e pastor Marco Feliciano posiciona-se com relação a determinados assuntos.

Aqueles que estão interagindo (entrevistado e entrevistador) são de muita importância para o gênero em questão, pois o objetivo do entrevistado é fazer um relato de seus conhecimentos, como também de suas experiências sobre um assunto específico, enquanto o entrevistador tem a função de elaborar previamente questionamentos sobre o assunto que será debatido e realizá-los.

No caso do entrevistado, o mesmo precisa passar para os ouvintes que possui um vasto conhecimento sobre o tema que está sendo trabalhado na entrevista e por sua vez, transmitir segurança ao proferir seus discursos. Quanto ao entrevistador, este deve ter domínio do assunto que será abordado, para que assim possa preparar com antecedência um roteiro de perguntas, de forma clara e objetiva, para que assim possa alcançar seus objetivos.

Podemos apontar como elementos que constituem o gênero entrevista; a manchete ou título – que pode ser um trecho da fala do entrevistado –, a apresentação, bem como as perguntas e respostas. Estes elementos possuem a finalidade de informar as pessoas sobre o que será visto no referido gênero. A manchete tem o intuito de despertar no público expectador o interesse sobre o tema que será trabalhado, a qual é proferida pelo entrevistador. A mesma poderá ser uma frase ou até uma pergunta envolvente. A apresentação, como o próprio nome já diz, referencia o entrevistado, como também os principais pontos da entrevista. Esta divulga a autoridade do mesmo, com relação à sua posição social, profissional, entre outros. Apontando os principais pontos relacionados à entrevista. O terceiro e último elemento, ou seja, as perguntas e respostas é a entrevista propriamente dita, onde as falas dos envolvidos serão proferidas.

A entrevista realizada em nosso trabalho possui a seguinte estruturação: primeiramente é feita a propagação da manchete que fala sobre o portal o qual ira entrevistar o convidado Marco Feliciano. Em seguida teremos a apresentação, a mesma vem fazer referências ao entrevistado já mencionado, divulgando sua posição na sociedade, entre outras características do mesmo. E por fim, acontece o jogo de perguntas e respostas entre o entrevistador (Fernando Rodrigues) e o entrevistado (Marco Feliciano) sobre diversas questões sociais ali apontadas, como por exemplo, aborto, homofobia, racismo, machismo, entre outras.

## **2 DISCURSOS E PRÁTICAS: ANALISANDO A ENTREVISTA**

*Entrevista concedida ao jornalista Fernando Rodrigues no portal da UOL e do Jornal folha de São Paulo, no programa “Poder e Política – Entrevista” no dia 01/04/2013.*



Marco Antonio Feliciano nasceu na cidade de Orlandia, interior de São Paulo, em doze de outubro de mil novecentos e setenta e dois. Aos oito anos foi coroinha na igreja Cristo Rei, aos onze converteu-se a fé evangélica. Casado, pai de três filhas, formado em teologia é autor de livros e músicas relacionadas à religião. Em 2008, na igreja Assembléia de Deus, fundou o seu próprio ministério chamado Catedral do Avivamento. Em 2010, disputou a eleição para deputado federal por São Paulo. Foi eleito com 212 mil votos, o 12º mais votado entre os 70 deputados eleitos por São Paulo. Filiado ao PSC, Partido Social Cristão (partido sustentado na Doutrina Social Cristã, inspirado nos valores e propósitos do Cristianismo.) foi eleito no ano de 2013, presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados.

Para compreendermos melhor as afirmações lançadas sobre Marcos Feliciano, decidimos escolher uma entrevista e analisar o seu discurso para corroborar ou não as críticas das quais o deputado federal era acusado. Assim, foi escolhido uma entrevista realizada no Programa Poder e Política Entrevista, gravada no dia primeiro de abril do ano de dois mil e treze, conduzida pelo entrevistador e jornalista Fernando Rodrigues. A entrevista foi realizada pelo jornal Folha de São Paulo, no estúdio do Grupo Folha, em Brasília e veiculada no Portal UOL, na modalidade digital e disponibilizada na internet.

A Comissão dos Direitos Humanos e Minorias é uma Comissão permanente da Câmara dos Deputados do Brasil, que visa receber, avaliar e investigar denúncias relativas à ameaça ou violação de direitos humanos, como também fiscalizar e acompanhar programas governamentais relativos à proteção dos mesmos, analisando assim assuntos e propostas legislativas a ela pertinentes.

Nosso interesse por esse deputado reside na contradição apontada por muitas personalidades políticas, entidades e movimentos sociais em redes sociais e veículos de comunicações formais de que sua postura e concepções contrariavam o perfil adequado para presidir a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. Notadamente Marco Feliciano possui um discurso conservador, que defende tradições e costumes de uma ordem estabelecida pelo mesmo, sobre as questões mais sensíveis a sociedade atual. Feliciano foi acusado de ser racista, homofóbico e machista por causa de várias declarações proferidas por ele em outros momentos, além de pertencer a um partido assumidamente de linha política conservadora (Partido Social Cristão – PSC).

Como já dissemos anteriormente, ao assumir a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, Marco Feliciano foi acusado de ser homofóbico e racista. Em

consequência disso, alguns grupos de representantes de minorias e até mesmo o presidente da Câmara, Eduardo Henrique Alves, pediu sua renúncia. Este afastamento foi solicitado porque para o presidente da Câmara Henrique Alves, a manutenção de Feliciano no cargo da presidência da Comissão dos Direitos Humanos, “impede o andamento normal das atividades da comissão e atrapalha a Câmara como um todo”. Vejamos, portanto, os questionamentos que seguem realizados em função das afirmações lançadas sobre o deputado Marco Feliciano:

**Folha/UOL: Olá, deputado Marco Feliciano. Muito obrigado por estar aqui no estúdio do Grupo Folha. Eu começo perguntando: Muita pressão sobre o sr. para que o sr. saia do cargo de presidente da Comissão de Direitos Humanos. O sr. vai sair ou vai permanecer?**

**Marco Feliciano:** Primeiramente, quero agradecer a oportunidade que você me dá de a primeira vez, agora, dar uma entrevista séria para um portal sério. E dizer que não há possibilidade nenhuma de renúncia. Não há possibilidade nenhuma de renúncia até porque eu não cometi nenhum crime, eu não passei por nenhum tipo de julgamento, nenhum tipo de tribunal e o que tem acontecido é apenas a força de um grupo da sociedade que luta muito para que eu, debaixo dessa pressão, saia do cargo. Só que pressão é meu sobrenome. Desde criança eu vivi sobre pressão. Eu nasci de uma família pobre e vivi até agora.

É possível identificar através de uma análise crítica que o deputado Marco Feliciano já inicia a entrevista, apontando mediante suas palavras a “pressão” de um grupo da sociedade para que ele saia do cargo de presidente da Comissão dos Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da câmara dos deputados. As palavras proferidas pelo deputado vestem-se de uma roupagem (“... eu não cometi nenhum crime, eu não passei por nenhum tipo de julgamento, nenhum tipo de tribunal...”) que procura aniquilar o argumento “de um grupo da sociedade” com o intuito de dominar e manter-se no cargo como presidente da Comissão de Direitos Humanos, para tanto disse: “... pressão é meu sobrenome.” Entretanto, podemos afirmar que este é um discurso enquanto prática política, uma vez que para Fairclough (2001) esse tipo de discurso mantém relações de poder entre as entidades coletivas como comunidades e grupos, sobre as quais possuem uma relação de poder.

**Folha/UOL: Nesta terça-feira, dia 2 de abril, haverá uma nova reunião de líderes partidários na Câmara e, supostamente, o sr. seria convidado e seria feito um apelo ao**

**sr.. Se esse convite vier a ser feito, o sr. vai comparecer à reunião e como aceitaria esse apelo?**

**Marco Feliciano:** Bom, eu não recebi o convite ainda. Eu também fiquei sabendo pelos veículos de comunicação. Eu estou estudando se eu vou atender esse pedido até porque já foram feitos várias reuniões acerca desse assunto e, regimentalmente, não tem o que ser feito. O meu partido, dentro da pluralidade, da proporcionalidade, ficou com a Comissão. Meu partido já se posicionou dizendo que nós não abrimos mão dessa Comissão. Eu já me posicionei dizendo que não abro mão da Comissão. Então, eu não sei o que faria nesse colégio de líderes. E, ali, para ser oprimido, achincalhado por um grupo de pessoas que, na verdade, deveria defender o parlamento e não abrir um precedente como nesse momento está sendo feito, então, eu acho que é muito perigoso.

Podemos constatar que nesta resposta Feliciano mantém um discurso expressivo ao assinalar que “o meu partido, dentro da pluralidade, da proporcionalidade, ficou com a comissão...” Esse discurso produzido por Feliciano possui uma dimensão voltada para a prática social, levando em consideração o seu contexto de produção, como as relações de poder e domínio. Como podemos observar na seguinte fala: “Eu já me posicionei dizendo que não abro mão da Comissão.” Entende-se, portanto, que Feliciano recorre ao Estado no intuito de permanecer na presidência da Comissão dos Direitos Humanos e Minorias da câmara dos deputados. Recorrendo assim a um discurso voltado para dois pilares (Política e Estado) de uma tríade bastante presente na maioria de seus discursos, qual seja: Fé, Política e Estado.

**Folha/UOL: O presidente da Câmara dos Deputados, o deputado Henrique Eduardo Alves, do PMDB-RN, já manifestou algumas vezes a opinião a respeito desse seu caso dizendo que o ideal talvez fosse, não com essas palavras, mas dando a entender isso, que o sr. deixasse o cargo de presidente. O presidente da Câmara acerta ao dizer isso?**

**Marco Feliciano:** Não. Nesse momento, ele sofre uma pressão. Todos nós sabemos que o presidente, deputado Henrique Alves, chegou à presidência debaixo de muita pressão, debaixo de muita luta. E, como ele é o meu líder ali no Congresso, eu me espelho nele. Até porque essa força, esse vigor que eu estou tendo de suportar essa pressão se inspira nele, como falaram tanto dele, acusaram tanto dele. Tantos jornais falando sobre ele e, mesmo assim, ele

permaneceu. Então, eu quero ter a mesma chance que ele teve de permanecer e provar que eu posso fazer um bom trabalho.

Em análise a este discurso propagado por Marco Feliciano podemos perceber que quando o entrevistador levanta a questão que o presidente da câmara dos deputados; Henrique Eduardo Alves deu a entender que “... o ideal talvez fosse que o sr. Deputado Marco Feliciano deixasse o cargo de presidente da Comissão dos Direitos Humanos...” o deputado Marco Feliciano manipula palavras de forma áspera, utilizando a maneira como o deputado Henrique Eduardo Alves chegou à presidência: “debaixo de muita pressão”. Ao dizer isso, ele coloca as palavras a serviço dos seus interesses. Contudo, quando faz menção a “liberdade de expressão” garantida na Constituição Federal, Feliciano recorre ao Estado.

**Folha/UOL: O sr., no último fim de semana, esteve em Passo, em Minas Gerais, e, daí, uma notícia da sua apresentação lá dá conta que o sr., mencionando a Comissão de Direitos Humanos, presidida agora pelo sr., disse que, pela primeira vez, alguém iluminado pelo espírito santo está no comando, e que, antes, o colegiado era, entre aspas, "dominado por Satanás". O sr. referia aos ex-presidentes da Comissão?**

**Marco Feliciano:** Bom, veja só, eu não disse isso. Tenho gravado a mensagem que eu preguei lá. As pessoas tendem, nesse momento, a me ridicularizar por ser um cristão atuante, por ser um protestante fervoroso. Eu não disse isso em momento nenhum. Disse, sim, que eu sou um homem inspirado pelo espírito santo, e eu creio nisso. Disse que aquela Comissão era regradada por pessoas que tinham um pensamento muito contrário à família brasileira.

Feliciano utiliza um elemento da tríade Fé, Política e Estado, qual seja: a Fé, para construir um discurso em que sua “identidade social” esteja configurada, tendo como base o discurso religioso, como se observou na fala que segue: “(...) As pessoas tendem, nesse momento, a me ridicularizar por ser um cristão atuante, por ser um protestante fervoroso (...)” Ao conduzir o discurso pelo caminho de uma dada religião, ele prega uma concepção de sociedade, especialmente de “família brasileira” que não se adéqua a realidade existente, em que a pluralidade social, religiosa, de gênero, etc., e uma nova concepção de família parecem sobrepor-se a família brasileira. Nestes discursos, o pastor e deputado federal Marco Feliciano tece um Ethos considerável para a análise deste trabalho, ou seja, um tipo de identidade social

que simboliza implicitamente através de seu comportamento verbal e não-verbal, a identidade de alguém que defende o Estado laico, conforme indica a análise de suas falas.

Observa-se também que seu discurso possui algumas frases negativas, como podemos perceber a seguir: “Bom, veja só, eu não disse isso. [...] Eu não disse isso em momento nenhum.”, estas falas pressupõem uma finalidade polêmica, pois segundo Fairclough (2001, p.157) “as frases negativas carregam tipos especiais de pressuposição que também funcionam intertextualmente”, ou seja, pressupõe-se a partir desses dados levantados que Marco Feliciano posiciona-se nesse momento a nível pessoal o que pode exprimir que o projeto do mesmo no colegiado não seja coletivo, porém individual.

**Folha/UOL: A Folha de S. Paulo publicou uma reportagem na qual indica que cinco pastores da sua igreja recebem por trabalhos que deveriam prestar ao sr. na Câmara dos Deputados, porém, trabalham apenas na Igreja. Como o sr. responde à isso?**

**Marco Feliciano:** É muito confortável essa pergunta e até essa, entre aspas, "acusação". Nossas igrejas funcionam à noite. À noite, depois que o horário do expediente normal de trabalho já terminou. Nós temos dois ou três cultos à noite por igreja. E o meu eleitorado é um eleitorado fiel. Eu tive 211.855 votos segmentados do movimento evangélico. Nada mais justos do que eu ter assessores pastores para lidar com as demandas do povo evangélico. Nossas igrejas, e esses pastores inclusive, todos eles estão aptos para trabalhar na parte de recuperação de drogadependentes. Nós internamos, nesses últimos quatro anos, mais de 100 meninos. Desses, mais de 30 foram recuperados e voltaram para a sociedade e estão hoje com a família. Então, nós temos um trabalho social muito grande. As igrejas funcionam à noite. Pastor não é profissão. Pastor é vocação. E isso não impede que eles sejam meus assessores.

**Folha/UOL: Então, o sr. está dizendo que eles, durante o dia, trabalham para o sr. para auxiliá-lo no seu mandato, e, à noite, como pastores na igreja. É isso?**

**Marco Feliciano:** Exatamente. O cargo pastoral... Tem uma palavra que eu sempre esqueço quando eu vou falar. [O cargo pastoral] é voluntariado. A igreja é movida por pessoas que, de bom grado, vão e prestam o seu serviço à Igreja. Isso por uma vocação divina.

Estas respostas de Marco Feliciano, mais uma vez implicam num discurso voltado para a Fé, contudo voltado também para o Estado. Entretanto, possui de forma implícita uma

relação entre o domínio público e o privado. HOLANDA (1995, p. 145) afirma que: “Não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público. [...] A escolha dos homens que irão exercer funções públicas faz-se de acordo com a confiança pessoal que mereçam os candidatos, e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias.” Pode-se deduzir que o fato de Marco Feliciano ter como seus assessores, pastores de sua igreja, está ligado mais a questão de confiança do que até mesmo ao fato destes estarem aptos para o trabalho de assessorá-lo. Este discurso possui ainda um papel hegemônico, de modo que a vida pública e a privada estão sendo reduzidas a uma motivação individual.

**Folha/UOL: Quero falar sobre a arrecadação de dinheiro no âmbito de várias religiões, inclusive na sua. Na internet, há vídeos disponíveis de várias religiões e há, inclusive, com o sr. recolhendo contribuições em dinheiro dos fieis. Tem um caso que é até uma motocicleta que é doada. E a pergunta: Há, às vezes, exagero na coleta do dízimo em algumas religiões?**

**Marco Feliciano:** Olha, eu posso falar pela minha. A Assembléia de Deus é uma igreja muito equilibrada. Principalmente, na parte de oferta e ofertório. Por isso, é, talvez, a igreja mais respeitada do Brasil no movimento evangélico e, principalmente, pentecostal. Não há, na nossa igreja, nenhuma mácula acerca de ofertório porque nós não hostilizamos a pessoa e nem afrontamos ela. O termo usado em alguns programas de TV contra mim, e alguns jornais, sobre a mercantilização da fé chega a ser cruel.

**Folha/UOL: Por quê?**

**Marco Feliciano:** Porque é uma acusação infundada. Nós pedimos às pessoas como todas as religiões fazem. Todas as igrejas precisam do apoio dos seus fieis para se manter, para pagar o aluguel. Nas minhas igrejas, nós temos ar-condicionado. Então, você dá à pessoa uma espécie de conforto e nós precisamos manter isso. E como é que nós mantemos isso? Através da arrecadação de dízimos e ofertas. E, enfim, isso existe desde que a igreja é igreja. Todas as igrejas, a maioria delas, fazem isso. O problema é que, quando se colocara na internet os vídeos, as pessoas fazem montagem, são maldosas. Aquele vídeo que aparece... Foi por isso que eu me tornei um vilão.

Estes discursos proferidos pelo deputado e pastor Marco Feliciano, trazem consigo uma carga hegemônica ideológica, na qual constrói significados próprios do mundo físico. Desta forma, fica implícito que seu discurso está sendo influenciado pelas ideologias que existem no contexto. Para Fairclough (2001, p. 122), “Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Podemos observar que há uma hegemonia ideológica nas falas de Feliciano, fundamentada na Fé, ou seja, seus discursos indicam uma preponderância de uma dada religião com relação as outras.

**Folha/UOL: Mulheres. O sr. já criticou o direito das mulheres trabalharem, o direito de elas não desejarem ter filhos. Na sua concepção, todas as mulheres devem casar e ter filhos?**

**Marco Feliciano:** Bom, primeiramente, foi muito bom tocar nesse assunto. Você foi o primeiro jornalista que me pergunta isso. Eu nunca dei essas declarações. Isso foi divulgado num jornal, lá no estado do Rio de Janeiro, foi publicado, inclusive, quase que anonimamente. Não tinha nenhum repórter que assinasse o artigo. A minha equipe procurou e, quando encontrou, a pessoa gaguejou porque ela não tinha nada escrito, não tinha nada gravado. Ou seja, esse texto foi um texto apócrifo e a militância usou isso para, mais uma vez, me rotular. Além de racista, homofóbico, agora, machista. Então, isso não existe.

**Folha/UOL: Então, esclareça.**

**Marco Feliciano:** Na minha concepção, eu tenho a concepção família. Mulher é, para mim, a criatura mais linda que Deus criou nesse nosso mundo. Veio para ornamentar o mundo e ornamentar a vida do homem. E, ambos, parceiros. A Bíblia diz que Deus fez a mulher da costela...

**Folha/UOL: Mas essa sua frase "a mulher veio para ornamentar a vida do homem" não contém uma carga machista?**

**Marco Feliciano:** Não, eu vou explicar por que. Porque pela Bíblia, Deus criou primeiro a vida do homem. O homem, o sexo masculino, foi o primeiro a ser criado.

Em consequência destes discursos propagados por Marco Feliciano, podemos observar que os mesmos estão baseados mais uma vez na Fé, contudo, voltado também para a Família. Estes discursos possuem ainda um efeito de mistificação, que codifica a representação de uma relação de poder produzindo "duas linguagens" (uma masculina e uma feminina), reproduzindo-se as próprias condições de subordinação da mulher. Assim, esta prática discursiva possui uma estrutura ideológica na essência das ideologias dominantes e das instituições de controle.

**Folha/UOL: Qual é a sua opinião sobre legalizar a atividade de profissionais do sexo no Brasil, como, por exemplo, prostitutas?**

**Marco Feliciano:** Sou contrário a isso.

**Folha/UOL: Por quê?**

**Marco Feliciano:** Porque seria muito inviável ao Estado, inviável às famílias... Eu, principalmente, penso eu como pai. A minha filha chegar em mim e falar assim: "Papai, escolhi a minha profissão. Eu quero ser prostituta".

**Folha/UOL: Mas não há um livre arbítrio das pessoas decidirem o que vão fazer?**

**Marco Feliciano:** Livre arbítrio, sim, mas tem tantas outras coisas que podem ser feitas que não a venda do seu corpo, que isso é imoralidade. A sociedade conservadora ainda enxerga isso como algo imoral.

Estas colocações do pastor corroboram num discurso voltado para a família. Sobretudo recorrendo ao Estado, ou seja, outro pilar da tríade (Fé, Política e Estado) presente em suas falas. Este discurso possui, entretanto, um caráter moralista, contrário a qualquer forma de regulamentação da atividade exercida pelas prostitutas, além de apontar a prostituição como um exemplo de degradação dos valores morais e ameaça à instituição familiar. A priori está implícito um posicionamento conservador, havendo assim uma contestação de caráter revolucionário, apontando para a mesma como base ideológica estruturante. Esta fala aponta também para uma apropriação da tradição religiosa para fins políticos.



**Folha/UOL: Recentemente, organização dos médicos soltou um documento dizendo-se favorável a dar a mulher o direito de decidir sobre manter ou não uma gravidez até 12ª semana de gestação. Permitir livremente o aborto. Isso é uma opinião de médicos no Brasil. O sr. acha que os médicos, nesse caso, acertam ou erram?**

**Marco Feliciano:** Houve um tempo que alguns médicos... Alguns, digo isso, porque tem muitos médicos que são contrários a isso. Alguns médicos pensavam que eram Deus. Nesse momento, alguns médicos declaram ser Deus. 12ª semana, estamos falando de um bebê com três meses de idade. Um bebê que já tem sentimentos, que recebe da mãe a vida. E já sente dor. Abortar uma criança de três meses, isso é crime, isso é assassinato. Isso é assassinato. A questão de aborto não é uma questão...

**Folha/UOL: Mesmo quando a mulher foi, digamos, violentada?**

**Marco Feliciano:** Eu sinto muito por ela ter sido violentada, estuprada. Vivemos num mundo cão, vivemos num perverso. A sociedade tem a sua parcela de culpa nisso. Esses tarados inveterados se alimentam de visões, se alimentam de histórias liberadas. A pornografia está explícita em todos os lugares. As músicas acabam levando as pessoas à extrema sensualidade. E algumas pessoas têm a sua deficiência hormonal nisso e acabam ficando loucos. Eu sinto muito pela menina que foi violentada, pela mulher. Mas o que foi gerado dentro dela não tem culpa disso. É uma vida. É uma criança. Se ela não quer cuidar da criança, existe uma fila imensa de pessoas que querem adotar essas crianças. Dê a luz e dê essa criança para que alguém possa cuidar dela, mas não assassine. Não aborte.

Eu sou filho de uma mulher que, por causa dada à pobreza... A minha mãe... Houve um tempo na vida dela em que ela tinha uma pequena clínica de aborto. Uma clínica clandestina. Eu cresci no meio disso. Eu vi mulheres perderem o seu bebê assim e fiquei traumatizado por isso. Eu vi fetos serem arrancados de dentro de mulheres. Isso é uma tortura. Não se faz isso. Não se faz isso. A vida é um dom de Deus. Só Deus dá e só Deus tira.

Ao analisarmos este discurso elencado na questão do aborto, observamos que o mesmo leva em conta aspectos ideológicos, propagando um discurso fundamentado na fé. Constatando-se a predominância de um discurso que questiona a criminalização do aborto através da produção de efeito de evidência e incluir-se em uma formação discursiva em que a

imagem da criminalização do aborto dá-se tão somente por seus aspectos sócio-político-culturais.

**Folha/UOL: Racismo. Uma das principais acusações contra o sr. é de que o sr. seria racista por conta, sobretudo, de uma frase que o sr. escreveu no microblog Twitter que eu repito aqui, entre aspas: "Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Ponto. Isso é fato". Fecham aspas. Como o sr. explicaria essa frase?**

**Marco Feliciano:** Eu expliquei que o fato é que os africanos descendem de um filho de Noé que havia recebido uma maldição patriarcal. Esse é o fato. Não tem como fugir disso. Você me permite ler? Eu trouxe até aqui, eu sabia que você ia me perguntar isso. O grande Castro Alves, um dos maiores poetas abolicionistas do Brasil, levantou uma problemática em seu poema. Olha só o que ele diz em seu poema "Vozes d'África". [lê em sem smartphone] "Foi depois do dilúvio... um viadante, / Negro, sóbrio, pálido, arquejante, / Descia do Arará... / E eu disse ao peregrino fulminado: / 'Cam!'", que é o filho de Noé, "... serás meu esposo bem-amado... / - Serei tua Eloá... / Desde este dia o vento da desgraça / Por meus cabelos ululando passa / O anátema cruel. / As tribos erram do areal nas vagas, / E o nômade faminto corta as plagas / No rápido corcel. / Vi a ciência desertar do Egito... / Vi meu povo seguir - Judeu maldito - / Trilho de perdição. / Depois vi minha prole desgraçada / Pelas garras d'Europa - arrebatada - / Amestrado falcão!..." Um abolicionista cita o que eu citei. Um filho de Noé que desce aqui do dilúvio e que tem a cor da sua pela negra e que corre sobre ele algumas desgraças em forma de maldição. E, nem por isso, ele é racista.

Mais uma vez o discurso que Marco Feliciano profere está voltado para a Fé. Entretanto, este também recorre à literatura, "Um abolicionista cita o que eu citei. Um filho de Noé que desce aqui do dilúvio e que tem a cor da sua pela negra e que corre sobre ele algumas desgraças em forma de maldição.". A fala do mesmo aponta a maldição como sendo a raça negra, porém, o poema que ele utiliza para justificar sua fala, coloca a maldição como sendo a sociedade européia. Esta fala do deputado corresponde respectivamente a um discurso enquanto prática textual, uma vez que seu discurso incide sobre o exemplo de um texto contemplando assim a análise social presente no mesmo.

**Folha/UOL: Deixe-me fazer outra pergunta agora sobre costumes e suas convicções a respeito de gays. O sr. me corrija, mas até onde eu vi vídeos na internet o sr. sugere que**

**a Aids é uma doença gay. No entanto, há muitos heterossexuais com o vírus da Aids. Por que a Aids seria uma doença gay?**

**Marco Feliciano:** Quando eu citei isso, eu estava em um momento de muita pressão, muita pressão por esse grupo. Eles acabam destruindo a paz de qualquer ser humano. Eles perseguem a minha família, perseguem minhas filhas. Eu tenho crianças. E naquele momento eu falava sobre por que as pessoas não falavam mais de Aids no Brasil. Ora, Aids desapareceu, Fernando? A Aids não desapareceu. Pegue a última declaração do ministro Padilha (Alexandre Padilha, da Saúde) sobre a Aids, ele vai dizer [que] a Aids cresceu no país nos últimos dois anos em 50%. Desses 50% o grupo que corre risco mais mete medo no Ministério da Saúde é o grupo de homossexuais. Eles ainda são o grupo de risco mais perigoso e que acabam passando esse vírus com mais facilidade.

Luiz Mott num programa do Jô Soares disse assim, que ele, em pouco mais de 10 ou 15 anos teve 500 parceiros homossexuais. O estilo de vida homossexual é perigoso. Então, vou continuar dizendo... A princípio, quando ela [a Aids] chegou no nosso pensamento, no nosso Brasil, no ocidente, veio como sendo, e não fui eu quem coloquei esse título, procure na internet e vocês vão encontrar, a Aids era uma doença gay. Sabemos que hoje o grupo aumentou, não são apenas os gays que propagam a Aids, nós temos aí o problema com drogas, os usuários de drogas etc.

**Folha/UOL: Foi um momento de descuido?**

**Marco Feliciano:** Isso. Eu falei ali no fervor do momento, eu estava emocionado, pode pegar as palavras, o vídeo, você vai ver isso. Eu estava tentando dar uma declaração, dizendo que esse movimento, eles se protegem tanto, que ninguém pode falar nada e ninguém mais fala de Aids no país. Porque quando fala de Aids lembra-se de homossexuais.

Estas falas do deputado supracitado apontam para uma militarização do discurso investida ideologicamente. Este recurso aparece na seguinte colocação do deputado federal: “a Aids era uma doença gay”. Esta fala de Marco Feliciano possui implicitamente aspectos contraditórios e conseqüentemente problemáticos, uma vez que a Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é uma doença a qual todas as pessoas estão vulneráveis e essa universalidade usada por Feliciano pode colocar em risco a construção ideologicamente importante da doença. Aderindo, portanto, a um discurso reconhecido por uma relação de

dominação. Segundo Norman Fairclough (2001, p. 121), “As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia.”

**Folha/UOL: Homofobia, PL 122. Projeto de Lei 122. O sr. tem restrições a esse projeto.**

**Marco Feliciano:** Completamente.

**Folha/UOL: Ele poderia ser adaptado para criminalizar atos de homofobia de alguma forma que fosse aceitável para o sr. ou não?**

**Marco Feliciano:** Veja só, esse pessoal luta tanto por esse tipo de direito que eu não sei o porquê. Já existe no código penal um sem número de crimes que beneficiam inclusive o homossexual. Toda pessoa que é constrangida, toda pessoa que é humilhada, toda pessoa que sofre violência, já tem no Código Penal os crimes que possam...

**Folha/UOL: O sr. acha desnecessário esse tipo projeto?**

**Marco Feliciano:** Completamente. Porque se formos abrir esse tipo de precedente, vamos criar também a lei que criminaliza quem é contra o índio. A lei que criminaliza quem é contra o caolho. A lei que criminaliza quem é contra o careca. A lei que criminaliza quem é contra o banguelo. Porque todas essas pessoas também sofrem bullying, todas essas pessoas também sofrem. Então o PL 122, do jeito que ele está, ele não passa. Já tentamos, Fernando, já tentamos conversar com os relatores para fazermos um substitutivo. Mas o movimento vem de cima para baixo e diz: tem que ser aprovado do jeito que está. E do jeito que está, acabou a minha liberdade de expressão. Eu estou, hoje, sofrendo o PL 122 sem que tenha sido votado. O que acontece comigo agora vai acontecer com todos os pastores e padres do Brasil inteiro. O que está acontecendo nas portas da minha igreja, entrando eles dentro nos cultos onde eu estou.

Em análise a esta fala do deputado federal, entende-se que o mesmo profere um discurso voltado para a tríade Fé, Estado e Política. Edificando-a na análise do discurso enquanto prática social. Estruturando essas falas em normas e costumes de uma sociedade a

qual o mesmo está inserido, ou seja, uma sociedade que a priori defende tradições e costumes estabelecidos por ela mesma.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho abordamos sobre o assunto análise do discurso, onde foram realizadas análises de discursos propagados pelo pastor e deputado Marco Feliciano. E concluímos que o mesmo focaliza em seus discursos efeitos ideológicos e hegemônicos particulares.

Essa Análise do Discurso se mostra necessária para os procedimentos do trabalho na comunicação de Marco Feliciano, em especial na construção da imagem do mesmo e na preservação de sua imagem pública durante aparições que necessitem da aplicação do discurso político.

É possível identificar que o discurso de Marco Feliciano possui um viés ideológico e uma prática social que pretende englobar toda a sociedade, quando em verdade é um discurso que visa universalizar ideias que não são hegemônicas na sociedade atual em ideias predominantes.

Deste modo, observamos a partir das análises feitas o quanto essa escolha foi relevante, uma vez que esclareceu como os sujeitos se posicionam, demonstrando o seu lugar de poder, que é um dos objetivos da Análise Crítica do Discurso.

Foram contemplados os objetivos que tínhamos propostos, uma vez que nos propusemos estudar uma entrevista do deputado supra mencionado para que assim pudéssemos cuidadosamente analisar a legitimidade ou não de seus discursos.

Este trabalho foi de muita importância para nosso aprofundamento com relação ao tema estudado, porque permitiu-nos uma melhor compreensão sobre o mesmo. Além de termos proporcionado analisar temas polêmicos e que vêm causando grandes impactos na sociedade atual.

Entretanto, esta análise que abrange os discursos realizados pelo deputado em questão, não só permitiu-nos estudar as falas do mesmo, como também aperfeiçoou nossos conhecimentos com relação aos temas polêmicos abordados pelo entrevistado.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução (do francês) por PEREIRA, M.E.G, 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997. pp. 278-326

DIONÍSIO, Angela. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 2º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman; MAGALHÃES, Izabela (coord). **Discurso e mudança social**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão) 320 p.

Folha de São Paulo. **Leia a transcrição da entrevista de Marco Feliciano à Folha e ao UOL - parte 1**. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/poderepolitica/2013/04/1255832-leia-a-transcricao-da-entrevista-de-marco-feliciano-a-folha-e-ao-uol---parte-1.shtml>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

HOLANDA, Sergio Buarque de, 1902-1982. **Raízes do Brasil**/ Sergio Buarque de Holanda. – 26. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

UOL. **Líderes na Câmara tentarão convencer Feliciano a renunciar na próxima semana**.

<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/03/26/lideres-na-camara-tentarao-convencer-feliciano-a-renunciar-na-proxima-semana.htm> Acesso em: 16 Ago.. 2013

\_\_\_\_\_. **Vya Estelar – Homossexualidade**. Disponível em: <http://www.uol.com.br/vyaestelar/homossexualidade.htm>. Acesso em: 20 abr. 2016.

Wikipédia. **Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados do Brasil**. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Comiss%C3%A3o\\_de\\_Direitos\\_Humanos\\_e\\_Minorias\\_da\\_C%C3%A2mara\\_dos\\_Deputados\\_do\\_Brasil#cite\\_note-1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Comiss%C3%A3o_de_Direitos_Humanos_e_Minorias_da_C%C3%A2mara_dos_Deputados_do_Brasil#cite_note-1) Acesso em: 20 abr. 2016.

# **ANEXOS**

## **Entrevista do portal UOL ao deputado Marco Feliciano**

**Narração de abertura:** Marco Antonio Feliciano tem 40 anos. É pastor evangélico e deputado federal por São Paulo. Filiado ao PSC, o Partido Social Cristão, foi eleito em 2013 presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados.

Formado em teologia, Marco Feliciano é autor de livros e músicas relacionadas à religião. Em 2008, na Assembleia de Deus, fundou o seu próprio ministério chamado Catedral do Avivamento.

Em 2010, disputou a eleição para deputado federal por São Paulo. Foi eleito com 212 mil votos, o 12º mais votado entre os 70 deputados eleitos por São Paulo.

Ao assumir a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, foi acusado de ser homofóbico e racista. Ele nega. Vários grupos de representantes de minorias e até mesmo o presidente da Câmara, Henrique Alves, pediram sua renúncia. Mas Marco Feliciano diz que não deixará o cargo.

**Folha/UOL:** Olá internauta. Bem-vindo a mais um "Poder e Política - Entrevista".

Este programa é uma realização do jornal Folha de S.Paulo e do portal UOL. E a entrevista é realizada aqui no estúdio do Grupo Folha, em Brasília.

O entrevistado desta edição é o deputado Marco Feliciano, do PSC-SP, presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados.

**Folha/UOL:** Olá, deputado Marco Feliciano. Muito obrigado por estar aqui no estúdio do Grupo Folha. Eu começo perguntando: Muita pressão sobre o sr. para que o sr. saia do cargo de presidente da Comissão de Direitos Humanos. O sr. vai sair ou vai permanecer?

**Marco Feliciano:** Primeiramente, quero agradecer a oportunidade que você me dá de a primeira vez, agora, dar uma entrevista séria para um portal sério. E dizer que não há possibilidade nenhuma de renúncia. Não há possibilidade nenhuma de renúncia até porque eu não cometi nenhum crime, eu não passei por nenhum tipo de julgamento, nenhum tipo de tribunal e o que tem acontecido é apenas a força de um grupo da sociedade que luta muito para que eu, debaixo dessa pressão, saia do cargo. Só que pressão é meu sobrenome. Desde criança eu vivi sobre pressão. Eu nasci de uma família pobre e vivi até agora.



**Folha/UOL:** Nesta terça-feira, dia 2 de abril, haverá uma nova reunião de líderes partidários na Câmara e, supostamente, o sr. seria convidado e seria feito um apelo ao sr.. Se esse convite vier a ser feito, o sr. vai comparecer à reunião e como aceitaria esse apelo?

**Marco Feliciano:** Bom, eu não recebi o convite ainda. Eu também fiquei sabendo pelos veículos de comunicação. Eu estou estudando se eu vou atender esse pedido até porque já foram feitas várias reuniões acerca desse assunto e, regimentalmente, não tem o que ser feito. O meu partido, dentro da pluralidade, da proporcionalidade, ficou com a Comissão. Meu partido já se posicionou dizendo que nós não abrimos mão dessa Comissão. Eu já me posicionei dizendo que não abro mão da Comissão. Então, eu não sei o que faria nesse colégio de líderes. E, ali, para ser oprimido, achincalhado por um grupo de pessoas que, na verdade, deveria defender o parlamento e não abrir um precedente como nesse momento está sendo feito, então, eu acho que é muito perigoso.

**Folha/UOL:** O presidente da Câmara dos Deputados, o deputado Henrique Eduardo Alves, do PMDB-RN, já manifestou algumas vezes a opinião a respeito desse seu caso dizendo que o ideal talvez fosse, não com essas palavras, mas dando a entender isso, que o sr. deixasse o cargo de presidente. O presidente da Câmara acerta ao dizer isso?

**Marco Feliciano:** Não. Nesse momento, ele sofre uma pressão. Todos nós sabemos que o presidente, deputado Henrique Alves, chegou à presidência debaixo de muita pressão, debaixo de muita luta. E, como ele é o meu líder ali no Congresso, eu me espelho nele. Até porque essa força, esse vigor que eu estou tendo de suportar essa pressão se inspira nele, como falaram tanto dele, acusaram tanto dele. Tantos jornais falando sobre ele e, mesmo assim, ele permaneceu. Então, eu quero ter a mesma chance que ele teve de permanecer e provar que eu posso fazer um bom trabalho.

**Folha/UOL:** Ele não deveria ter manifestado a opinião que ele manifestou, na sua opinião?

**Marco Feliciano:** Eu não posso dizer isso porque a manifestação de pensamento é um artigo da Constituição Federal e todos têm que ter o direito. Isso até é importante a gente falar até

sobre isso porque eu só estou sendo punido pela minha liberdade de expressão que está sendo tolhida nesse momento. E isso não é democracia. É ditadura.

**Folha/UOL: Por falar em liberdade de expressão, várias personalidades da sociedade civil brasileira se manifestaram. Muitos artistas contrários a sua permanência como presidente da Comissão de Direitos Humanos. Vou citar alguns aqui: Caetano Veloso, Fernanda Montenegro, Maitê Proença, Wagner Moura. Artistas. O sr., olhando esses artistas que falaram contra a sua permanência, se pegou pensando, talvez, "esse aí eu era até fã desse artista"? O sr. era fã de algum deles?**

**Marco Feliciano:** Sou fã de todos eles. Inclusive, eu sou cinéfilo, eu amo filmes e gosto da atuação deles e, inclusive, da forma como eles se expressam diante da sociedade. O que eles fizeram nesse momento, esse depoimento deles, foi um depoimento levado por tudo aquilo que eles ouviram falar. Nenhum deles me conhece. Nenhum deles sentou comigo, como você está fazendo, para me ouvir. Nenhum deles conhece o meu histórico de vida. E eu não perturbei muito com isso até porque eles não me representam. Eles vivem num mundo paralelo ao mundo cristão, ao mundo evangélico. O mundo evangélico nosso é um mundo muito nosso. É um mundo diferente. Nós não somos pautados pela mídia. Nós não somos pautados por artistas, até porque os artistas têm o seu estilo de vida. São progressistas por natureza. Acho que uma das máximas do artista é que para ser um ator você tem que esquecer o seu sexo porque o ator encarna o personagem, sendo ele homem ou mulher. Então, nesse momento, pela pressão, por eles terem lido tanto, por terem ouvido falar tanto, eu me tornei uma figura pública da noite por dia. Então foram levados pelo vento. Me deem um tempo para trabalhar e vocês vão ver que as coisas vão mudar. O próprio Caetano, essa semana, em Salvador, na folha mais lida de Salvador, no jornal esqueci o nome, falou sobre isso. Que, coincidentemente, na última quarta-feira, a audiência pública que eu realizei debaixo de protestos, debaixo de luta, era uma audiência pública feita me prol da cidade onde a mãe do Caetano, a dona Canô, que foi uma das maiores brasileiras no Brasil, é a matriarca da cidade. Onde mil pessoas morreram por causa de contaminação de chumbo. E o próprio Caetano parece que agora ele deu uma amenizada. Ele até falou: "Não concordo com o presidente. Mas se a Comissão de Direitos Humanos fizera alguma coisa, vou ser o primeiro a ficar de pé e aplaudir".

**Folha/UOL:** O sr., no último fim de semana, esteve em Passo, em Minas Gerais, e, daí, uma notícia da sua apresentação lá dá conta que o sr., mencionando a Comissão de Direitos Humanos, presidida agora pelo sr., disse que, pela primeira vez, alguém iluminado pelo espírito santo está no comando, e que, antes, o colegiado era, entre aspas, "dominado por Satanás". O sr. referia aos ex-presidentes da Comissão?

**Marco Feliciano:** Bom, veja só, eu não disse isso. Tenho gravado a mensagem que eu preguei lá. As pessoas tendem, nesse momento, a me ridicularizar por ser um cristão atuante, por ser um protestante fervoroso. Eu não disse isso em momento nenhum. Disse, sim, que eu sou um homem inspirado pelo espírito santo, e eu creio nisso. Disse que aquela Comissão era regradada por pessoas que tinham um pensamento muito contrário à família brasileira.

Você sabia que, no ano passado, se não me falha a memória, no mês de julho ou outubro, a Comissão de Direitos humanos patrocinou um seminário chamado "Diversidade Sexual na Primeira Infância". O nome pesa para quem compreende um pouco. Primeira infância é de 0 a 6 anos. E eu tentei ali assistir porque fui hostilizado pelo grupo LGBT que ali estava, ao ouvir uma mulher do MEC e outra pessoa do Conselho de Psicologia Federal, pessoas de autarquias reconhecidas no Brasil, dizerem que criança não nasce homem, nem mulher. Nasce gênero. Como não nasce homem, nem mulher, não se pode tolher o direito da criança quando pequenininha, curiosa, querendo tocar no órgão genital da outra, não se pode impedir. Porque, se você impedir uma criança de fazer isso, ela pode crescer com complexos e pode ser irreversível. E a mulher que estava falando isso termina dizendo assim, sorrindo: "Deixe as nossas crianças brincarem e se descobrirem". Tem vídeos sobre isso. Então, a Comissão de Direitos Humanos foi usada por isso e, nesse momento, eu me levantei contra isso naquele tempo e me tornei, então, como se fosse o inimigo número 1 do movimento que agora me persegue.

**Folha/UOL:** Mas uma criança, um bebê deve ser proibido tocar num outro bebê nesse caso?

**Marco Feliciano:** Veja só. A criança está aprendendo. Se sexo é uma orientação, então vamos cuidar. Não se pode extrapolar os limites e fazer uma criança descobrir antes do tempo aquilo que deve ser descoberto. Sexo não é brincadeira. Eu aprendi isso com a minha mãe e aprendi isso lendo a Bíblia. Ensina o menino no caminho que deve andar e, quando ele crescer, ele nunca vai se desviar dele. Então, tem tempo para tudo. E com criança de 0 a 6

anos, não têm que ouvir essas coisas e nem aprender essas coisas. Cabe ao pai e a mãe a educação do seu filho.

**Folha/UOL: O sr. é fundador da Catedral do Avivamento. Poderia explicar como é que o funcionamento da igreja, quando ela foi criada, o tamanho, o número de fiéis, onde ela se encontra?**

**Marco Feliciano:** Nossa igreja é uma igreja pequena. O nome da minha igreja, na verdade, é Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Orlândia. Porque é a cidade onde eu nasci e fundei a igreja lá. Nosso ministério tem pouco mais de quatro anos. Nós temos cerca de 14 ou 15 congregações. A maior congregação comporta 800 pessoas sentadas e a menor comporta 10, 15 pessoas sentadas. Então, é um ministério novo. É uma igreja pequena. Somando todas as igrejas, nós não temos mais que 1000 pessoas porque é um ministério novo. É uma igreja pentecostal.

**Folha/UOL: Sempre no estado de São Paulo?**

**Marco Feliciano:** Sempre no estado de São Paulo, com exceção de uma igreja que nós temos no Rio Grande do Sul, na cidade de Gravataí, e uma outra na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, que é bem próxima da divisa de São Paulo. A de Gravataí já era uma igreja que existia e o pastor pediu cobertura espiritual para nós e nós fundimos o ministério.

**Folha/UOL: O correto é dizer que é um ministério dentro do âmbito da Assembleia de Deus? É isso?**

**Marco Feliciano:** Exatamente. A Assembleia de Deus é uma igreja muito grande. Nós temos a convenção geral das Assembleias de Deus, nós temos as convenções estaduais. Eu pertença a Confradesp, que é a Confraternização das Assembleias de Deus do estado de São Paulo, e pertença a CGADB, que é a Convenção Geral das Assembleias de Deus. O meu pastor presidente, o líder nacional, é o pastor José Wellington Bezerra da Costa.

**Folha/UOL: A Folha de S.Paulo publicou uma reportagem na qual indica que cinco pastores da sua igreja recebem por trabalhos que deveriam prestar ao sr. na Câmara dos Deputados, porém, trabalham apenas na Igreja. Como o sr. responde à isso?**

**Marco Feliciano:** É muito confortável essa pergunta e até essa, entre aspas, "acusação". Nossas igrejas funcionam à noite. À noite, depois que o horário do expediente normal de trabalho já terminou. Nós temos dois ou três cultos à noite por igreja. E o meu eleitorado é um eleitorado fiel. Eu tive 211.855 votos segmentados do movimento evangélico. Nada mais justos do que eu ter assessores pastores para lidar com as demandas do povo evangélico. Nossas igrejas, e esses pastores inclusive, todos eles estão aptos para trabalhar na parte de recuperação de drogadependentes. Nós internamos, nesses últimos quatro anos, mais de 100 meninos. Desses, mais de 30 foram recuperados e voltaram para a sociedade e estão hoje com a família. Então, nós temos um trabalho social muito grande. As igrejas funcionam à noite. Pastor não é profissão. Pastor é vocação. E isso não impede que eles sejam meus assessores.

**Folha/UOL:** Então, o sr. está dizendo que eles, durante o dia, trabalham para o sr. para auxiliá-lo no seu mandato, e, à noite, como pastores na igreja. É isso?

**Marco Feliciano:** Exatamente. O cargo pastoral... Tem uma palavra que eu sempre esqueço quando eu vou falar. [O cargo pastoral] é voluntariado. A igreja é movida por pessoas que, de bom grado, vão e prestam o seu serviço à Igreja. Isso por uma vocação divina.

**Folha/UOL:** Quero falar sobre a arrecadação de dinheiro no âmbito de várias religiões, inclusive na sua. Na internet, há vídeos disponíveis de várias religiões e há, inclusive, com o sr. recolhendo contribuições em dinheiro dos fieis. Tem um caso que é até uma motocicleta que é doada. E a pergunta: Há, às vezes, exagero na coleta do dízimo em algumas religiões?

**Marco Feliciano:** Olha, eu posso falar pela minha. A Assembleia de Deus é uma igreja muito equilibrada. Principalmente, na parte de oferta e ofertório. Por isso, é, talvez, a igreja mais respeitada do Brasil no movimento evangélico e, principalmente, pentecostal. Não há, na nossa igreja, nenhuma mácula acerca de ofertório porque nós não hostilizamos a pessoa e nem afrontamos ela. O termo usado em alguns programas de TV contra mim, e alguns jornais, sobre a mercantilização da fé chega a ser cruel.

**Folha/UOL: Por quê?**

**Marco Feliciano:** Porque é uma acusação infundada. Nós pedimos às pessoas como todas as religiões fazem. Todas as igrejas precisam do apoio dos seus fieis para se manter, para pagar o aluguel. Nas minhas igrejas, nós temos ar-condicionado. Então, você dá à pessoa uma espécie de conforto e nós precisamos manter isso. E como é que nós mantemos isso? Através da arrecadação de dízimos e ofertas. E, enfim, isso existe desde que a igreja é igreja. Todas as igrejas, a maioria delas, fazem isso. O problema é que, quando se colocara na internet os vídeos, as pessoas fazem montagem, são maldosas. Aquele vídeo que aparece... Foi por isso que eu me tornei um vilão.

**Folha/UOL: O do cartão de crédito? Só para recapitular, é um vídeo no qual o sr. menciona que tem um cartão de crédito à mão, mas diz que o fiel que entregou o cartão, entregou o cartão porém não a senha.**

**Marco Feliciano:** Pois bem. Agora, veja só. O vídeo foi editado. Eu estava fazendo um ofertório para o maior congresso missionário do Brasil e um dos maiores do mundo, que é o congresso do Gideões Missionários da Última Hora. Gideões Missionários da Última Hora sustentam hoje, fora do Brasil, mais 1200 famílias de missionários. Como a Igreja Católica fazia no princípio mandando os jesuítas, essa comunidade evangélica envia missionários para países onde o evangelho não cresceu tanto. Então, essa entidade sustenta os missionários. Esses missionários têm filhos, eles precisam comer, beber, morar, cuidar de saúde. Essa entidade também cuida de 30 mil crianças no Norte e Nordeste do Brasil, onde dão estudo, onde dão comida a essas crianças.

**Folha/UOL: Mas o caso específico do cartão...**

**Marco Feliciano:** Então, foi nesse evento. Aquela oferta estava sendo levantada para isso. E como eram muita gentes, nós tínhamos ali cerca de 30 mil, 40 mil pessoas, eu recebi o cartão e chamei a pessoa pelo nome que a pessoa deu o cartão. Por três vezes eu a chamei para devolver o cartão. Como a pessoa não vinha, eu brinquei. A gente faz isso. Eu tenho uma veia humorística também. Nós não somos só centrados e fechados. Nós temos humor. E eu brinquei. Falei assim, ó: "Não adianta dar o cartão sem a senha porque, aí, não funciona". Foi apenas isso que eu disse. Foi uma brincadeira, um momento de descontração. Eu tenho o

vídeo do garoto do cartão, que veio, me procurou porque ele se viu na internet, na televisão, e me deu um depoimento. Se você quiser, depois eu posso mandar. Dizendo o que aconteceu na vida dele depois daquilo.

Então, isso foi uma mera especulação. Foi de uma baixeza sem tamanho as pessoas tentarem expor alguém ao ridículo por causa disso.

**Folha/UOL: O que é o seu relacionamento com líderes evangélicos de outras religiões? Por exemplo, vou citar alguns muito conhecidos: Edir Macedo, da Igreja Universal, Silas Malafaia, que é da Assembleia de Deus também, Valdomiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus. O sr. se relaciona com eles? Os conhece? E o que acha deles?**

**Marco Feliciano:** Veja só. Eu os conheço pela internet. Conheci o apóstolo Valdomiro quando ele esteve aqui, em Brasília, no plenário. Conversamos alguns minutos e, para a minha alegria, ele disse que os obreiros dele, os pastores, assistem os meus DVDs. O pastor Silas Malafaia é um grande líder assembleiano. Também é um pastor muito polêmico. Nós já estivemos pregando em alguns eventos juntos. Tivemos algumas divergências teológicas, mas é um homem que me respeita e eu respeito muito. Bispo Macedo é um grande líder. É um líder de um movimento neopentecostal. Também temos divergências teológicas, mas, em Cristo, mais são as coisas que nos untem do que nos separam. Mas eu não tenho convivência com eles.

**Folha/UOL: O sr. falou que o Edir Macedo é líder de um movimento neopentecostal. No caso da sua igreja, especificamente, e do seu ministério, o sr. se classificaria como neopentecostal?**

**Marco Feliciano:** Não, não. Nós somos pentecostais.

**Folha/UOL: Tá certo. Igreja Católica. O sr. tem algum relacionamento com algum líder da Igreja Católica? E o que acha da ação da Igreja Católica?**

**Marco Feliciano:** Veja só. Eu tenho, nesses últimos anos como deputado, ou nesses últimos dois anos, eu conheci algumas pessoas do movimento da Igreja Católica. Inclusive, na última audiência pública, tinha um padre, um polonês que é daqui de Brasília, tem um paróquia muito bonita aqui. Ele é um ferrenho lutador contra o aborto. E, como eu me tornei alguém

que defende a vida, que é contra o aborto, fizemos um pacto, uma aliança. Tenho alguns contatos com algumas pessoas da CNBB, mas com os grandes líderes do movimento católico não tive contato até porque quase não tenho tempo. Acredito que, nesse momento, todos eles me conhecem até porque o que eu sofro hoje de perseguição dado ao movimento LGBT, a Igreja Católica sofre isso no mundo todo. Inclusive, o novo papa, o papa Francisco, na Argentina quase foi linchado por esse grupo. Então, nós temos algumas coisas que, acredito, nos fazem pensar igual.

**Folha/UOL: O novo papa da Igreja Católica, o papa Francisco, agradeceu ao sr.?**

**Marco Feliciano:** Veja só. Ele não é o meu líder. É um líder de uma grande igreja. O pensamento dele comunga com o meu. Então, nesse quesito, eu fiquei feliz por termos ali um papa que ainda é bem ortodoxo, é bem conservador e que prima por aquilo eu acredito também, que a família é a base da sociedade. Aliás, a família é antes da sociedade. A família é antes do estado. Então, nós não podemos destruir a família. Se você destruir a família, você destrói a sociedade, destrói o estado. Isso já aconteceu em outras civilizações. Então, existe uma proteção. É preciso ter o contraponto e o contraditório.

**Folha/UOL: O sr. acha que existem religiões mais certas do que as outras? E religiões até erradas, que pregam coisas erradas?**

**Marco Feliciano:** Olha. Eu sou um teólogo. Eu estudei em muitas igrejas, muitas religiões. Eu evito falar das outras. Eu tento fazer alguma coisa boa com a minha. A minha religião, o cristianismo, tem várias vertentes, É como uma grande árvore. Jesus é o tronco, a raiz, né? E os galhos são as ramificações. Na fritada dos ovos, todos falam da mesma coisa. Queremos o céu, queremos o bem estar da pessoa aqui. Acreditamos que existe o certo e o errado. E lutamos pela condescendência dos bons pensamentos, dos bons costumes.

**Folha/UOL: Islamismo.**

**Marco Feliciano:** Islamismo é uma religião muito forte. E é uma religião, nesse momento eu até pensei, que nós do ocidente precisamos pensar um pouquinho mais acerca deles. Você nunca vai ver ninguém fazer com alguém do Islã o que estão fazendo comigo. E olha que o



Islã tem uma condenação sobre o ato, por exemplo, da homossexualidade ferrenha. Eles tratam a ferro e fogo. Inclusive, punem com a morte.

**Folha/UOL: É correto?**

**Marco Feliciano:** Não. Jamais. A vida é um dom. Só quem deu foi Deus e quem pode tirar é Deus.

**Folha/UOL: O Islã, nesse caso, erra, na sua opinião?**

**Marco Feliciano:** Erra. Erra porque ferem o ser humano. Mas, voltando, naquele pensamento, você nunca vai ver alguém se levantar contra o Islã. O movimento LGBT jamais vai bater de frente com o Islã porque sabem que o Islã, embora sejam crentes na sua fé, eles defendem com a mesma arma aqueles que o condenam. Se for preciso, eles vão para as vias de fato. Coisa que um cristão jamais vai fazer. Nós, crentes... As pessoas perguntaram: "Você está sozinho nessa luta?" Não, não estou. Eu tenho, pelo menos, 50 milhões de evangélicos orando por mim. A arma do crente é essa, ele ora. Ele fala com Deus e não parte para a briga, nem para o grito, nem para a histeria.

**Folha/UOL: Judaísmo.**

**Marco Feliciano:** A religião tem os seus fundamentos no judaísmo. O princípio da religião cristã, inclusive antes de Paulo aparecer no cenário contemporâneo da Igreja, o cristianismo fundado e liderado por Pedro era um cristianismo judaico, um judaísmo cristão. Foi Paulo que veio com essa vertente e desvinculou, de fato, o cristianismo do judaísmo. Mas o judaísmo e o cristianismo têm a mesma base, o mesmo profeta principal, que é Abraão, né? Então, nós temos muita similaridade, respeito ao judaísmo.

**Folha/UOL: Tem algum aspecto do judaísmo, como o sr. mencionou no caso do Islã, que o sr. acredita que não seja o mais correto?**

**Marco Feliciano:** Não. No judaísmo eu vejo muita similaridade com o cristianismo e respeito muito.

**Folha/UOL:** Um pouco de política. O sr. mencionou recentemente, em uma de suas várias entrevistas, que descobriu nesse episódio como integrantes do PT "traem com facilidade", a sua frase reproduzida. E mencionando, aí, que, inclusive, foi uma das poucas vozes que apoiou a candidatura da então pretendente ao Palácio do Planalto, Dilma Rousseff, em 2010. E que, talvez, em 2014, a situação vai ser outra. O que o sr. quis dizer com PT trair com facilidade e sobre 2014?

**Marco Feliciano:** Veja só. Talvez na troca de interesse do jogo político, os meios acabam justificando os fins. Eu fui procurado no segundo turno da presidente Dilma porque tive uma expressiva votação no estado onde ela não era maioria até então.

**Folha/UOL: Em 2010?**

**Marco Feliciano:** Em 2010. Naquele momento em que pesava era a situação do aborto. E os dois candidatos, tanto Dilma, quanto José Serra, ambos tinham pensamentos polêmicos acerca do aborto. Então, nós ficamos entre a cruz e o punhal. Ao sentar com a liderança que me procurou do PT, eles disseram que Dilma assinaria um documento...

**Folha/UOL: Quem foi?**

**Marco Feliciano:** Quem me procurou na época foi um pessoal de São Paulo mesmo, um grupo de deputados. Eu gostaria de não citar os nomes, se me permitir. Me procuraram e me disseram que a presidente estava disposta a sentar com o movimento evangélico e assinar um documento. Uma carta dizendo que, durante o seu governo, essa questão do aborto não passaria. E foi ela que assinou o documento. Então, por aquele momento ter os dois que pensavam sobre o aborto e ela assinando o documento dizendo que durante o seu governo o aborto não seria tratado, fiquei com ela. Criei, na época, uma central de inteligência via internet. Disparei quase 10 milhões de e-mails para todo o Brasil. Vesti a camisa, coloquei "Sou Dilma", né? E, de repente, dois anos e meio depois, temos aí essa problemática criada num jogo político. Porque o meu partido não escolheu a Comissão de Direitos Humanos. Eu não escolhi ser o presidente da Comissão de Direitos Humanos. A Comissão de Direitos Humanos foi abandonada pelo grupo que cuidou dela a vida toda, que era o PT. Mas, quando eles viram que perderam a comissão para um partido de posicionamento pela família, que é o PSC, que é, talvez, hoje um dos únicos partidos que tenha bandeira... Queria até deixar isso

bem claro. O PSC hoje é um partido que tem ideologia. Que luta por uma coisa que acredita. Isso tem que ser respeitado nesse país. E, quando isso aconteceu, simplesmente, o PT pegou um grupo dos seus deputados e veio contra mim. E vieram contra mim de maneira violenta. Usando a tribuna da casa, me acusando de algo que eu não sou. Alguns, agora, já não estão nem mais acusando, estão afirmando. E isso é crime. Me chamar de racista, de homofóbico, isso é crime. Então, eu venho suportando isso já há quase 30 dias. Não sou homem de briga nesse quesito. Não fui para a tribuna desabafar. Não fui para a imprensa jogar o nome de pessoas porque, nesse meio político, eu tenho descoberto que muita gente tem o telhado de vidro e esquecem o seu telhado para jogar pedra no telhado dos outros. Eu não fui condenado em nenhuma instância. Eu não fui julgado por nenhum tribunal. Eu estou sendo acusado por ter a minha livre liberdade de expressão, de opinião, de pensamento tolhido nesse momento porque, sendo brasileiro, não posso me expressar. Eu fui traído nesse quesito. Me deixaram sozinho. Eu tentei entrar em contato com algumas pessoas do governo que até uma semana antes me atendiam, como alguns ministros.

**Folha/UOL: O sr. poderia citar alguns?**

**Marco Feliciano:** Ministra Gleisi Hoffmann [da Casa Civil], com quem eu tenho muita amizade. Logo que aconteceu isso, minhas audiências foram desmarcadas. Enviei um e-mail à ministra. A ministra me respondeu o e-mail dizendo que... Eu pedi a ela para que falasse com o seu partido para que cuidasse desses deputados, que eles estavam criando uma celeuma. Eu antevi o que ia acontecer.

**Folha/UOL: Como é que ela respondeu, deputado?**

**Marco Feliciano:** Ela respondeu bem educadamente dizendo que esse era um problema do Congresso Nacional e que o Executivo não poderia se meter nesse momento. E, aí...

**Folha/UOL: Acha que ela foi tímida na resposta?**

**Marco Feliciano:** Não. Eu acho que ela pensou exatamente como pensam as pessoas inteligentes: No ano que vem. Uma briga comigo significa uma briga com o movimento evangélico porque eu fui o evangélico mais votado do país inteiro.

**Folha/UOL: Mas ela não deu apoio ao sr., o sr. está dizendo.**

**Marco Feliciano:** Não entendi.

**Folha/UOL: Ela não o apoiou agora.**

**Marco Feliciano:** Sim. Ela não apoiou, mas, também, não desapoiou. Ela disse que era um problema do Congresso Nacional. Ou seja, o Executivo, a parte dela, não poderia fazer nada, né? Sei que poderia. Então, nesses quesitos todos, eu me senti traído, sim.

**Folha/UOL: Então, deixe eu entender. O sr. ficou satisfeito ou insatisfeito com a reação da ministra?**

**Marco Feliciano:** Insatisfeito porque eu esperava um pouquinho mais de condescendência. Eu esperava que, pelo...

**Folha/UOL: Apoio explícito, o sr. quer dizer?**

**Marco Feliciano:** Exato. Não apoio explícito, mas pelo menos que se marcasse uma reunião, por exemplo, com o ministro Gilberto Carvalho [da Secretaria Geral da Presidência da República]. Ou então, com a própria presidente. E pedisse para que esses deputados que brigavam agora, nesse momento, criando uma celeuma na articulação política... Porque o problema ali é político. Eu fui eleito pelo voto popular. Eu fui eleito pelo voto do colegiado. Não cometi crime nenhum e estou sendo linchado publicamente e instigado por militantes do PT.

**Folha/UOL: A essa altura, o sr. diria que as chances de evangélicos como o sr., que exerce uma liderança sobre um grupo, estão mais propensos ou menos propensos a apoiar a reeleição da presidente Dilma?**

**Marco Feliciano:** Olha, eu ainda não cheguei a essa conclusão. Todavia, eu tenho viajado o país inteiro. Ontem, por exemplo, eu estava em Rondônia, falei para um público de 15 mil pessoas, e os pastores se organizaram e pediram uma palestra no domingo pela manhã, e eu reuni 300 lideranças no estado de Rondônia. Rondônia é um estado que tem, hoje, quase 40%

da sua população evangélica. E não estavam ali só membros da Assembleia de Deus. Estavam ali membros de todas as denominações daquele estado. E quando eu dei o depoimento e mostrei o que eu estou passando e o que está acontecendo, os pastores se levantaram com o manifesto, vão começar a chegar cartas aqui, no Congresso Nacional. A igreja em Rondônia vai se mobilizar e começar a colocar o povo na rua, porque se é isso que os militantes do outro grupo fazem, colocam 20, 50, 200 pessoas na rua e a imprensa toda tira foto e coloca a deles na primeira página, se é público que eles querem ver, nós temos 50 milhões no país. Eu pedi, na época, à ministra Gleisi para interceder para que isso não acontecesse. Para que não houvesse uma guerra.

**Folha/UOL: Quando o sr. espera manifestações assim, de massa, ao seu favor?**

**Marco Feliciano:** Quando?

**Folha/UOL: É. Elas estão sendo, de fato, organizadas já?**

**Marco Feliciano:** Muitas pessoas já estão se mobilizando. Muitos líderes já estão se levantando.

**Folha/UOL: Tem alguma data marcada?**

**Marco Feliciano:** Não. Ainda não. Deve ser por esses próximos dias. Nós temos aí grandes lideranças, como o pastor...

**Folha/UOL: Virão à Brasília? Como vai ser?**

**Marco Feliciano:** Vai começar por isso. Eu vou deixar aqui um ponto de interrogação para que as pessoas esperem. Daqui duas semanas, por exemplo, aqui em Brasília, nós vamos ter a Convenção Geral das Assembleias de Deus. 24 mil pastores da Assembleia já estão inscritos. Aqui em Brasília.

**Folha/UOL: O sr. espera o apoio deles?**

**Marco Feliciano:** Não. Eles já estão me apoiando. Só que a nossa maneira, o nosso manifesto é diferente. Nós não nos manifestamos com grito, com pulo, com xingamento, com a opressão. Nós nos manifestamos de maneira pacífica e bem equilibrada.

**Folha/UOL: O sr. diria que, dos pré-candidatos já apresentados à presidente, a presidente Dilma Rousseff, candidata a reeleição, há outros três, pelo menos, sempre citados: Aécio Neves, do PSDB, Eduardo Campos, do PSB, e Marina Silva, ainda de um partido em formação, a Rede. Desses quatro, qual teria, ao seu juízo, mais condições de, talvez, atrair o seu apoio?**

**Marco Feliciano:** Veja só. Como eu te disse, eu ainda estou pensando em tudo isso. No meio desse fogo cruzado, eu ainda não tive tempo, ainda, para analisar o perfil de dois, pelo menos, desses candidatos, que eu não conheço muito bem. Mas o perfil da Marina Silva eu conheço. Marina é evangélica. E a presidente Dilma, pelo menos até nesse momento, mesmo não tendo se pronunciado publicamente, tem atendido as demandas dos evangélicos, como na questão do "kit-gay". Agora mesmo, o ministro Padilha [Alexandre Padilha, ministro da Saúde] mandou arrancar uma cartilha que havia sido, segundo ele, liberada para a população. E era uma cartilha que feria os princípios e um acordo que tínhamos antes entre a bancada evangélica. Então, existem algumas ramificações do PT que têm trabalhado e cumprido aquilo que prometeram. Então, nesse momento, como eu disse, 2014 será um momento de decisão. Eu ainda não sei o que vou fazer.

**Folha/UOL: O sr. está menos certo do que estava a respeito de apoiar [o governo atual]?**

**Marco Feliciano:** Com certeza. Com certeza. Depois desse momento que eu tenho passado, eu estou revendo e conversando com a minha equipe. Eu tenho conselheiros e tenho sentado com pastores de renome no país, como o pastor Silas Malafaia, como o Bispo Manoel Ferreira e outros grandes líderes e nós estamos repensando muito bem no que fazer no próximo ano.

**Folha/UOL: E este "o que fazer" inclui apoiar ou não apoiar a reeleição de Dilma.**

**Marco Feliciano:** Exatamente.

**Folha/UOL:** Essa é uma hipótese que, até recentemente, não era uma questão?

**Marco Feliciano:** Não, porque vinham sendo cumprido os acordos, não é? E a presidente Dilma tem feito um bom trabalho. Nós não podemos negar isso. Ela tem feito um bom trabalho com a população. Principalmente, a população mais pobre e essa é uma vertente do cristianismo.

**Folha/UOL:** Que dia que vai ser o encontro das Assembleias de Deus aqui em Brasília?

**Marco Feliciano:** A convenção vai ser a partir do dia 8 de abril, se não me falha a memória.

**Folha/UOL:** Já agora.

**Marco Feliciano:** Agora, já. E vão vir para cá 24 mil pastores.

**Folha/UOL:** E o sr. acredita que esse tema de apoio no ano que vem talvez possa ser mencionado nessa reunião?

**Marco Feliciano:** Eu acredito que sim.

**Folha/UOL:** Possa emergir ali?

**Marco Feliciano:** Eu acredito que sim.

**Folha/UOL:** Entendi. Tem convidado algum dos pré-candidatos para esse evento?

**Marco Feliciano:** Não, porque é um evento nosso. Nós também temos uma presidência. Então, nós vamos votar a presidência geral das Assembleias de Deus.

**Folha/UOL:** Eu queria fazer algumas perguntas rápidas agora para o sr. sobre os temas polêmicos no que diz respeito a suas convicções sobre comportamento e costumes.

**Marco Feliciano:** Pois não.

**Folha/UOL: Mulheres. O sr. já criticou o direito das mulheres trabalharem, o direito de elas não desejarem ter filhos. Na sua concepção, todas as mulheres devem casar e ter filhos?**

**Marco Feliciano:** Bom, primeiramente, foi muito bom tocar nesse assunto. Você foi o primeiro jornalista que me pergunta isso. Eu nunca dei essas declarações. Isso foi divulgado num jornal, lá no estado do Rio de Janeiro, foi publicado, inclusive, quase que anonimamente. Não tinha nenhum repórter que assinasse o artigo. A minha equipe procurou e, quando encontrou, a pessoa gaguejou porque ela não tinha nada escrito, não tinha nada gravado. Ou seja, esse texto foi um texto apócrifo e a militância usou isso para, mais uma vez, me rotular. Além de racista, homofóbico, agora, machista. Então, isso não existe.

**Folha/UOL: Então, esclareça.**

**Marco Feliciano:** Na minha concepção, eu tenho a concepção família. Mulher é, para mim, a criatura mais linda que Deus criou nesse nosso mundo. Veio para ornamentar o mundo e ornamentar a vida do homem. E, ambos, parceiros. A Bíblia diz que Deus fez a mulher da costela...

**Folha/UOL: Mas essa sua frase "a mulher veio para ornamentar a vida do homem" não contém uma carga machista?**

**Marco Feliciano:** Não, eu vou explicar por que. Porque pela Bíblia, Deus criou primeiro a vida do homem. O homem, o sexo masculino, foi o primeiro a ser criado.

**Folha/UOL: O sr. é criacionista?**

**Marco Feliciano:** Sou criacionista. E viu Deus que o homem estava só. E aí, diz a Bíblia: "E Deus, então, fez para o homem a mulher". Só que quando Deus fez a mulher para homem, Deus fez a mulher da costela. Ou seja, para andar ao lado do homem. Para estarem juntos, para ambos buscarem os seus direitos e ambos acreditarem e construírem uma vida.

**Folha/UOL: As mulheres devem casar, todas elas, e terem filhos?**



**Marco Feliciano:** Olha, eu não posso falar por todas. Mas é a experiência do segmento da existência e da vida. Mulher é o único ser do mundo que pode gerar filhos. Pelo menos entre nós, seres racionais. O homem não gera filhos. Quem gera filhos é mulher. Se a mulher não gerar filhos, acaba a humanidade.

**Folha/UOL:** **As mulheres podem ou devem trabalhar, ainda que sejam casadas e tenham filhos?**

**Marco Feliciano:** Mas é claro que sim. A Bíblia Sagrada fala que, quando Jesus ressuscitou do túmulo, foram as mulheres que foram ali prestar um serviço de cuidar. As mulheres foram que propagaram o evangelho. Então, a minha fé não é uma fé machista. Mulher tem que ter os seus direitos. Inclusive, na minha igreja, nós temos pastoras. E há um segmento evangélico que não aceita pastoras. Então, nós temos isso.

**Folha/UOL:** **Qual é a sua opinião sobre legalizar a atividade de profissionais do sexo no Brasil, como, por exemplo, prostitutas?**

**Marco Feliciano:** Sou contrário a isso.

**Folha/UOL:** **Por quê?**

**Marco Feliciano:** Porque seria muito inviável ao Estado, inviável às famílias... Eu, principalmente, penso eu como pai. A minha filha chegar em mim e falar assim: "Papai, escolhi a minha profissão. Eu quero ser prostituta".

**Folha/UOL:** **Mas não há um livre arbítrio das pessoas decidirem o que vão fazer?**

**Marco Feliciano:** Livre arbítrio, sim, mas tem tantas outras coisas que podem ser feitas que não a venda do seu corpo, que isso é imoralidade. A sociedade conservadora ainda enxerga isso como algo imoral.

**Folha/UOL: Mas essa profissão existe de fato, deputado. O que fazer com ela? Ela não vai acabar.**

**Marco Feliciano:** Não é uma profissão aceita. Ela é ilegal. Mas legalizá-la, dar a benção do Estado sobre isso, seria chamar o nosso Estado de anarquia. E eu não aceito isso. Esse é o meu pensamento, é a minha expressão. Imagine você legalizar uma casa de prostituição. Hoje nós já temos um problema grave.

**Folha/UOL: Elas já existem, deputado.**

**Marco Feliciano:** Sim, mas quantas pessoas hoje já sofrem com o tráfico de mulheres? Com o tráfico de sexo que envolve crianças de 12, 13 anos que são envolvidas nisso? Se legalizar isso, o que vai ter é uma máfia por trás disso para poderem pegar essas meninas de 12, 13 anos, criar um documento dando a elas a emancipação e coloca-las nessa vida de criminalidade. Isso abrir-se-á um precedente que vai ser difícil voltar atrás. Eu sou contra isso.

**Folha/UOL: Recentemente, organização dos médicos soltou um documento dizendo-se favorável a dar a mulher o direito de decidir sobre manter ou não uma gravidez até 12ª semana de gestação. Permitir livremente o aborto. Isso é uma opinião de médicos no Brasil. O sr. acha que os médicos, nesse caso, acertam ou erram?**

**Marco Feliciano:** Houve um tempo que alguns médicos... Alguns, digo isso, porque tem muitos médicos que são contrários a isso. Alguns médicos pensavam que eram Deus. Nesse momento, alguns médicos declaram ser Deus. 12ª semana, estamos falando de um bebê com três meses de idade. Um bebê que já tem sentimentos, que recebe da mãe a vida. E já sente dor. Abortar uma criança de três meses, isso é crime, isso é assassinato. Isso é assassinato. A questão de aborto não é uma questão...

**Folha/UOL: Mesmo quando a mulher foi, digamos, violentada?**

**Marco Feliciano:** Eu sinto muito por ela ter sido violentada, estuprada. Vivemos num mundo cão, vivemos num perverso. A sociedade tem a sua parcela de culpa nisso. Esses tarados inveterados se alimentam de visões, se alimentam de histórias liberadas. A pornografia está explícita em todos os lugares. As músicas acabam levando as pessoas à extrema sensualidade.

E algumas pessoas têm a sua deficiência hormonal nisso e acabam ficando loucos. Eu sinto muito pela menina que foi violentada, pela mulher. Mas o que foi gerado dentro dela não tem culpa disso. É uma vida. É uma criança. Se ela não quer cuidar da criança, existe uma fila imensa de pessoas que querem adotar essas crianças. Dê a luz e dê essa criança para que alguém possa cuidar dela, mas não assassine. Não aborte.

Eu sou filho de uma mulher que, por causa dada à pobreza... A minha mãe... Houve um tempo na vida dela em que ela tinha uma pequena clínica de aborto. Uma clínica clandestina. Eu cresci no meio disso. Eu vi mulheres perderem o seu bebê assim e fiquei traumatizado por isso. Eu vi fetos serem arrancados de dentro de mulheres. Isso é uma tortura. Não se faz isso. Não se faz isso. A vida é um dom de Deus. Só Deus dá e só Deus tira.

**Folha/UOL: Racismo. Uma das principais acusações contra o sr. é de que o sr. seria racista por conta, sobretudo, de uma frase que o sr. escreveu no microblog Twitter que eu repito aqui, entre aspas: "Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Ponto. Isso é fato". Fecham aspas. Como o sr. explicaria essa frase?**

**Marco Feliciano:** Eu expliquei que o fato é que os africanos descendem de um filho de Noé que havia recebido uma maldição patriarcal. Esse é o fato. Não tem como fugir disso. Você me permite ler? Eu trouxe até aqui, eu sabia que você ia me perguntar isso. O grande Castro Alves, um dos maiores poetas abolicionistas do Brasil, levantou uma problemática em seu poema. Olha só o que ele diz em seu poema "Vozes d'África". [lê em sem smartphone] "Foi depois do dilúvio... um viadante, / Negro, sóbrio, pálido, arquejante, / Descia do Arará... / E eu disse ao peregrino fulminado: / 'Cam!'", que é o filho de Noé, "... serás meu esposo bem-amado... / - Serei tua Eloá... / Desde este dia o vento da desgraça / Por meus cabelos ululando passa / O anátema cruel. / As tribos erram do areal nas vagas, / E o nômade faminto corta as plagas / No rápido corcel. / Vi a ciência desertar do Egito... / Vi meu povo seguir - Judeu maldito - / Trilho de perdição. / Depois vi minha prole desgraçada / Pelas garras d'Europa - arrebatada - / Amestrado falcão!..." Um abolicionista cita o que eu citei. Um filho de Noé que desce aqui do dilúvio e que tem a cor da sua pele negra e que corre sobre ele algumas desgraças em forma de maldição. E, nem por isso, ele é racista.

**Folha/UOL:** Mas veja só: as circunstâncias e as conjunturas vão mudando conforme a sociedade vai evoluindo. Recentemente houve, inclusive, uma polêmica sobre livros de Monteiro Lobato, o sr. deve ter acompanhado, se eram ou não eram racistas, histórias do Sítio do Picapau Amarelo...

**Marco Feliciano:** Que, cá para nós, isso é uma coisa horrível.

**Folha/UOL:**...conforme vão evoluindo os povos e as sociedades, os conceitos também, as interpretações mudam. Nesse caso específico, ao citar essa frase que aos olhos de outros pode ter conteúdo racista, o sr. deveria ter um cuidado talvez maior ao citá-la, para não permitir que ela ficasse fora do contexto?

**Marco Feliciano:** Eu jamais pensei que isso aconteceria, até porque eu estava falando no Twitter. E um homem que fala 140 caracteres não pode ser medido só por isso. Para ser racista, você tem que ter um histórico...

**Folha/UOL:** Se fosse hoje, como o sr. escreveria?

**Marco Feliciano:** Escreveria da mesma forma, só que imploraria para as pessoas [que] "a frase não termina aqui". Cortaria umas três ou quatro palavrinhas, assim "continua". E continuaria escrevendo embaixo. Porque da outra vez, eu estava citando pensamentos filosóficos, citei várias vertentes, incluindo essa. E terminei dizendo que toda maldição foi quebrada na cruz de Cristo. Ou seja, não há mais maldição nenhuma. Eu apenas citei que toda maldição podia ser quebrada na cruz de Cristo. Mas a maldade está nos olhos de quem lê, Fernando. As pessoas viram maldade nisso, eu sei quem foi. Foi um grupo de pessoas que ficam na internet, são pagos para isso, um grupo de militantes...

**Folha/UOL:** Quem são eles?

**Marco Feliciano:** O movimento GLBT, isso não tem dúvida nenhuma. Já procurei. Nós temos os IPs deles, nós temos tudo isso catalogado. Eles pegam tudo o que eu falo, eles pinçam e jogam de maneira a me denegrir.

**Folha/UOL: Essas pessoas, o sr. pretende buscar alguma reparação na Justiça?**

**Marco Feliciano:** Olha, eu poderia fazer, poderia fazer. Mas não sei se vale a pena. Porque eles acabaram empestando o país inteiro com esse pensamento. Acabaram sendo maldosos.

**Folha/UOL: Quem acabou empestando?**

**Marco Feliciano:** O grupo, esse movimento GLBT. Procure nas ruas, as fotos das pessoas que são contra o "racista" aqui, entre aspas. Veja se você encontra. São só movimento GLBT. Eu li agora, nessa semana, se você me permite citar aqui, isso me trouxe conforto. Porque eu descobri que eu não sou o único que sou perseguido. O Prêmio Nobel da Paz, você deve conhecer muito ele, o Lech Walesa... Lech Walesa nessa semana escreveu assim na imprensa mundial: "homossexuais perseguem e castigam os héticos". Ele foi impedido de dar uma palestra nos Estados Unidos porque ele teve o pensamento contrário ao movimento. Pergunte à sua colega de profissão, a Raquel, aquela menina do SBT, Rachel Sheherazade... O que aconteceu com ela quando ela se posicionou sobre a democracia! Ela não falou sobre o pastor. Ela falou sobre a democracia e estão caçando ela. Pergunte à Rede TV! o que aconteceu com eles há dois anos atrás, quando num programa de brincadeira falaram alguma coisa sobre homossexuais, o movimento LGBT entrou no Ministério Público e o Ministério Público tirou por 24 horas essa emissora do ar. Nem na Venezuela de Hugo Chávez tiraram uma emissora do ar por isso. Pergunte, só para concluir, ao reitor da Universidade Mackenzie, uma das maiores universidades do nosso país, o que aconteceu com eles há dois anos atrás quando ele se posicionou contra o casamento homossexual. Depredaram a universidade. Então existe uma ditadura chamada, que eu coloco o nome dela aqui, já citado, Olavo de Carvalho fala muito sobre isso, "gayzista". Eles querem impor o seu estilo de vida e a sua condição sobre mim. E eles lutam contra a minha liberdade de pensamento e de expressão. Eles lutam pela liberdade sexual deles. Só que antes da liberdade sexual deles, que é secundária, tem que ser permitida a minha liberdade intelectual. A minha liberdade de expressão. Eu posso pensar. Se tirarem o meu poder de pensar, eu não vivo. Eu vegeto e morro.

**Folha/UOL:** Deixe-me fazer outra pergunta agora sobre costumes e suas convicções a respeito de gays. O sr. me corrija, mas até onde eu vi vídeos na internet o sr. sugere que a Aids é uma doença gay. No entanto, há muitos heterossexuais com o vírus da Aids. Por que a Aids seria uma doença gay?

**Marco Feliciano:** Quando eu citei isso, eu estava em um momento de muita pressão, muita pressão por esse grupo. Eles acabam destruindo a paz de qualquer ser humano. Eles perseguem a minha família, perseguem minhas filhas. Eu tenho crianças. E naquele momento eu falava sobre por que as pessoas não falavam mais de Aids no Brasil. Ora, Aids desapareceu, Fernando? A Aids não desapareceu. Pegue a última declaração do ministro Padilha (Alexandre Padilha, da Saúde) sobre a Aids, ele vai dizer [que] a Aids cresceu no país nos últimos dois anos em 50%. Desses 50% o grupo que corre risco mais mete medo no Ministério da Saúde é o grupo de homossexuais. Eles ainda são o grupo de risco mais perigoso e que acabam passando esse vírus com mais facilidade.

Luiz Mott num programa do Jô Soares disse assim, que ele, em pouco mais de 10 ou 15 anos teve 500 parceiros homossexuais. O estilo de vida homossexual é perigoso. Então, vou continuar dizendo... A princípio, quando ela [a Aids] chegou no nosso pensamento, no nosso Brasil, no ocidente, veio como sendo, e não fui eu quem coloquei esse título, procure na internet e vocês vão encontrar, a Aids era uma doença gay. Sabemos que hoje o grupo aumentou, não são apenas os gays que propagam a Aids, nós temos aí o problema com drogas, os usuários de drogas etc.

**Folha/UOL:** Foi um momento de descuido?

**Marco Feliciano:** Isso. Eu falei ali no fervor do momento, eu estava emocionado, pode pegar as palavras, o vídeo, você vai ver isso. Eu estava tentando dar uma declaração, dizendo que esse movimento, eles se protegem tanto, que ninguém pode falar nada e ninguém mais fala de Aids no país. Porque quando fala de Aids lembra-se de homossexuais.

**Folha/UOL:** Deixe-me fazer uma pergunta, deputado, o sr. é um líder religioso. E um líder tem responsabilidade sobre o que fala. Todos têm, mas o sr., que fala para tantas pessoas... O caso daquela frase no Twitter [sobre a África] talvez pudesse ter colocado aquela observação, "continua". O caso, agora da Aids, doença dos gays, talvez pudesse ter sido um pouco mais comedido ao falar. O sr. não se excede com muita frequência?

**Marco Feliciano:** Veja só, são dois assuntos. Foram dois momentos. O assunto dos gays e o assunto, entre aspas, do racismo. Algumas dessas declarações eu dei há anos atrás.

**Folha/UOL: O sr. não daria mais essas declarações dessa forma hoje?**

**Marco Feliciano:** Hoje pensaria outra forma para falar. Porque hoje eu começo a entender o que é a vida pública. Eu nunca tinha sido nem vereador. Eu tive essa expressão de votos aí. As pessoas que votaram em mim votaram porque sabem que eu sou contundente nos meus posicionamentos, e corajoso. Hoje, usaria outros tipos de palavras. Talvez falaria as mesmas verdades de outra forma.

Existem várias maneiras de dizer uma verdade, né? Seria um pouquinho mais cuidadoso.

**Folha/UOL: O sr. acha que os gays, o homossexual, é alguém que padece de alguma patologia?**

**Marco Feliciano:** Se eu falar patologia, amanhã eu vou ser crucificado de novo porque vamos falar de doença. Não, a homossexualidade, não posso falar mais homossexualismo... Eu posso falar heterossexualismo, mas não posso falar homossexualismo. A homossexualidade, ela não é uma patologia.

**Folha/UOL: Como o sr. a classifica?**

**Marco Feliciano:** Eu a vejo como um fenômeno comportamental. É um fenômeno de comportamento que até alguns anos atrás era tratado à luz da psicologia. E a psicologia estava indo, avançando. Eu conheço muitas pessoas que eram e não são mais. São casados, têm filhos.

**Folha/UOL: O sr. acredita em pessoas que são homossexuais e deixam de ser?**

**Marco Feliciano:** Acredito piamente. Tenho provas disso. Tenho amigos que são. Tenho amigos que hoje têm família e que hoje dão testemunhos pelo mundo. É uma orientação, eles mesmos dizem. E se é uma orientação, a pessoa pode ser reorientada.

**Folha/UOL:** Na sua igreja há esse tipo de orientação também, para eventualmente um gay que procura para mudar a orientação?

**Marco Feliciano:** Não, nós não explicamos isso à pessoa. No culto nós pregamos a palavra. A própria palavra se incumbem de libertar. Jesus disse assim, ó: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará".

**Folha/UOL:** Tem casos na sua igreja de ex-gays?

**Marco Feliciano:** Muitos. Muitos.

**Folha/UOL:** Muitos, quantos?

**Marco Feliciano:** Muitos, seria difícil falar... A minha igreja que você diz é a Assembleia de Deus?

**Folha/UOL:** É. E a sua em particular?

**Marco Feliciano:** A minha igreja [a Catedral do Avivamento] é uma igreja com cinco anos. Nós temos pessoas que frequentam, né. Tem pessoas que chegam na igreja e nós não sabemos se ela é gay ou não. Ninguém chega aqui com uma plaquinha dizendo "eu sou gay". Tem uns que são estereotipados, mas outros não. Então eu não sei dizer ao certo.

**Folha/UOL:** Já presenciou, digamos, uma conversão desse tipo?

**Marco Feliciano:** Muitas, muitas. Muitas, muitas, muitas. Eu, inclusive, eu ministro pelo Brasil inteiro e alguns deles hoje são palestrantes, têm família formada. Sempre estão em programas de televisão inclusive.

**Folha/UOL:** O sr. acha que esse tipo de abordagem não o classificaria como homofóbico, como alguns acham que o sr. é?

**Marco Feliciano:** De maneira nenhuma. Vamos falar o que é homofobia. Homofobia, ao pé da letra, seria medo do homem. Ou medo do homem que tem uma opção sexual diferente.



Esse medo se tornaria uma patologia, porque levaria ao ódio. E o ódio, ao crime de assassinar um gay. Eu não sou homofóbico, eu sou um líder religioso, creio na Bíblia Sagrada, meu livro de cabeceira, o livro que me rege, o livro que mudou minha vida. E a Bíblia Sagrada é contrária à prática homossexual. Então, é o meu direito pensar assim. Agora, veja só, você falou sobre um assunto que, se você me der um minutinho, uma pessoa héteros que está com crise de identidade sexual. Um homem, cansou de namorar uma mulher e ele está com problema psicológico. Ele vai ao Conselho Federal de Psicologia ou ao psicólogo e diz: "Olha, eu queria me reorientar. Não sei, de repente eu passei a ter uma paixão por pessoas do mesmo sexo". O psicólogo está amparado pela lei do Conselho Federal de Psicologia para cuidar da pessoa. Se houver alguém no sentido contrário, um homossexual, ele cansou desse estilo de vida, de repente ele viu que não dá certo, ele quer se reorientar, ele quer procurar um psicólogo e falar assim: "Olha, eu sou homossexual, mas eu quero que você me ajude a voltar como eu era antes quando eu nasci. Eu gostava de mulher, ou eu gostava de homem. Eu quero que você me ajude a me reorientar". Sabe o que o psicólogo vai dizer para ele? "Por favor, saia do meu consultório agora. Porque se alguém souber disso eu vou ser cassado pelo Conselho Federal de Psicologia". É uma desproporcionalidade. Você pode ir para um lado, mas não pode ir para o outro. O movimento GLBT se levanta com uma doutrinação nacional. Eles se levantam nesse nosso país com uma ditadura, uma ditadura gay. E eles forçam as pessoas a pensar o que eles querem.

Veja agora, por exemplo, as manifestações contra mim sobre os artistas. Começaram a dar beijos na boca, não foi?. Vários artistas fizeram isso. Você viu algum artista masculino dar algum beijo na boca de outro artista masculino? Não tem. Por quê? Porque eles sabem que isso vai chocar a população. Porque um beijo feminino talvez choque menos.

**Folha/UOL: O sr. acha isso? Que nunca vai haver nessas manifestações dois atores homens se beijando?**

**Marco Feliciano:** Não disse nunca. Eu disse que até agora não aconteceu. Porque eles sabem que, quando colocar dois homens se beijando na boca na televisão, isso vai ferir uma população que é, ainda, conservadora.

**Folha/UOL: Duas mulheres ferem menos?**

**Marco Feliciano:** Ferem menos, ferem menos.

**Folha/UOL: Por quê?**

**Marco Feliciano:** Gostaria de saber. Por causa disso. É uma coisa que não é normal. Eu estava lendo agora um blog de um pastor muito conceituado, já é um vovô. Ele dizia, na semana passada, "eu estava num shopping", dizendo ele, "e na praça de alimentação estava com meus netos". Três ou quatro criancinhas, família, praça de alimentação, domingo, shopping. E do lado deles sentaram-se dois homens, dois homens homossexuais. E eles começaram a se beijar. Não se atendo apenas ao beijo, começaram a se tocar. As famílias que estavam perto começaram a se levantar e a sair de perto deles. Ele, como é uma pessoa esclarecida, conhecedor da lei, chamou o segurança. E disse ao segurança assim: "Aquilo ali é um atentado ao pudor, eles estão se tocando de maneira sexual na frente de todo mundo. Você não vai fazer nada?" O segurança disse para ele: "Senhor, me desculpe. Se fosse um homem e uma mulher fazendo a mesma coisa eu poderia tomar qualquer providência. Mas como são dois homens, se eu fizer isso, eles vão levantar e vão começar a gritar, e vão começar a dizer aqui que eu sou preconceituoso e vai acontecer comigo o que aconteceu com o último guarda. Foi mandado embora e eu vou perder o meu emprego. Então, por favor, perdoe, eu não posso fazer nada contra isso."

**Folha/UOL: É isso que o sr. chama de ditadura gay?**

**Marco Feliciano:** Ditadura gay. Eles impõem, goela abaixo, o sistema de vida deles, estilo de vida deles. Eu não sou contra...

**Folha/UOL: O sr. é contra que dois homens ou duas mulheres, em praça pública, se beijem?**

**Marco Feliciano:** Sou. Sou porque...

**Folha/UOL: É só um beijo, deputado.**

**Marco Feliciano:** Mas um beijo na boca é um beijo que mostra muita intimidade. Veja um casal héteros se beijando na boca...

**Folha/UOL:** Mas há 50 ou 100 anos, vários países e sociedades eram contra homem beijar mulher em praça pública. Daí evoluiu-se. Hoje é normal. O sr. não acha que é normal que, aos poucos, o beijo entre um homem e um homem, uma mulher e uma mulher também vá...

**Marco Feliciano:** Querido Fernando, querido Fernando, vou citar para você o grande Freud. Freud dizia assim: o que uma criança vê, ouve e sente de zero a sete anos, e depois se estende até os 12, será a base da construção do seu caráter. Quando você coloca isso exposto publicamente e põe uma criança a olhar, isso vai gerar na criança a curiosidade, vai mexer com a mente dela e vai tirar dela a figura que ela tem de casa, ver papai e mamãe.

**Folha/UOL:** Se o sr. pudesse, o sr. faria uma lei para proibir beijos entre pessoas do mesmo sexo?

**Marco Feliciano:** Não, eu não faria uma lei. Eu apelaria para o bom senso. Apelaria para que as pessoas tivessem um pouquinho mais...

**Folha/UOL:** Porque hoje não tem uma lei. Então hoje é permitido.

**Marco Feliciano:** Não tem, não tem e talvez nem vá ter. Não tem e nem vá ter. Até porque alguns deputados até batem no peito. Tem uma deputada aqui do Distrito Federal que diz: agora existem mais beijos em praça pública. Agora existem mais isso e mais aquilo. Veja a Parada Gay. A Parada do Orgulho Gay. Veja o que acontece nas paradas. Entre no meio deles. Eu lembro que em 2007 saiu, na "Folha de S.Paulo", no órgão de imprensa seu. Os gays distribuíram na Parada Gay uma cartilha ensinando como usar corretamente a cocaína. Não usar nota de dinheiro. Usar o papel assim. Fazer um pito assim ou e outra forma. Ou seja, eles de certa forma dizendo "existe aqui quem vá usar cocaína nessa passeata". Existem pessoas que vão fazer sexo ali no meio. Que isso acontece, tem vídeos na internet sobre isso. Então o estilo de vida deles, a liberdade que eles querem não é uma liberdade de serem, é uma liberdade sexual pública.

**Folha/UOL:** Mas, deputado, paradas gays existem no mundo inteiro. A chance de elas deixarem de existir é zero. Há um clima de mais liberdade sobre esse tipo de manifestação. Como o sr. fica falando isso, para quem o sr. está pregando? Porque não serão banidas as paradas gays.

**Marco Feliciano:** Eu não estou falando para serem banidas. Eu estou falando para as pessoas, ao se manifestarem, pensem duas vezes no que vão fazer. Querem brincar, brinquem. Querem cantar, cantem. Querem dançar, dancem. Mas irem para a parada gay, pegarem a imagem de um santo católico e ficarem se bulinando na frente de todo mundo, isso é um desrespeito, Fernando. Isso é um desrespeito. Pegarem figuras públicas e malharem em praça pública, isso é um desrespeito. Darem gritos e acusarem pessoas, como fazem comigo, isso é desrespeito. Virem ao Congresso Nacional e subirem em cima das cadeiras, isso é desrespeito. Então isso não é democracia. Democracia é a liberdade do contraditório. Podemos conversar, mas em alto nível.

**Folha/UOL:** Homofobia, PL 122. Projeto de Lei 122. O sr. tem restrições a esse projeto.

**Marco Feliciano:** Completamente.

**Folha/UOL:** Ele poderia ser adaptado para criminalizar atos de homofobia de alguma forma que fosse aceitável para o sr. ou não?

**Marco Feliciano:** Veja só, esse pessoal luta tanto por esse tipo de direito que eu não sei o porquê. Já existe no código penal um sem número de crimes que beneficiam inclusive o homossexual. Toda pessoa que é constrangida, toda pessoa que é humilhada, toda pessoa que sofre violência, já tem no Código Penal os crimes que possam...

**Folha/UOL:** O sr. acha desnecessário esse tipo projeto?

**Marco Feliciano:** Completamente. Porque se formos abrir esse tipo de precedente, vamos criar também a lei que criminaliza quem é contra o índio. A lei que criminaliza quem é contra o caolho. A lei que criminaliza quem é contra o careca. A lei que criminaliza quem é contra o banguelo. Porque todas essas pessoas também sofrem bullying, todas essas pessoas também sofrem. Então o PL 122, do jeito que ele está, ele não passa. Já tentamos, Fernando, já

tentamos conversar com os relatores para fazermos um substitutivo. Mas o movimento vem de cima para baixo e diz: tem que ser aprovado do jeito que está. E do jeito que está, acabou a minha liberdade de expressão. Eu estou, hoje, sofrendo o PL 122 sem que tenha sido votado. O que acontece comigo agora vai acontecer com todos os pastores e padres do Brasil inteiro. O que está acontecendo nas portas da minha igreja, entrando eles dentro nos cultos onde eu estou.

**Folha/UOL: Sobre liberdade de expressão e religião, a propósito, o Brasil é um país laico, Estado laico, mas órgãos públicos no Brasil em geral, não todos, mas a maioria, ostentam ícones religiosos, em geral uma cruz. O sr. acha correto.**

**Marco Feliciano:** Laicidade não significa ateísmo. Laicidade significa que o Estado não comanda a igreja e a igreja não comanda o Estado.

**Folha/UOL: Como há uma cruz não há ícones de outras religiões, não é?**

**Marco Feliciano:** Sim, exatamente.

**Folha/UOL: Nesse caso, não há um descompasso?**

**Marco Feliciano:** Ao colocar a cruz ali, não está dizendo que o Estado é cristão, mas que a maioria dos que ali estão lutaram por aquilo. Os outros lutem para colocar os seus ícones.

**Folha/UOL: O sr. acha que o ideal seria o quê?**

**Marco Feliciano:** O ideal, eu sou cristão, não vou fugir à regra, eu fico muito feliz quando começamos a ordem do dia e o presidente, de pé, diz: sob a proteção de Deus. E ao lado esquerdo dele tem uma Bíblia. O nosso país foi fundado ao lado de uma cruz. Se formos começar a falar desse jeito...

**Folha/UOL: Então o sr. acha que seria necessário um sincretismo maior?**

**Marco Feliciano:** Vamos estender aqui o debate. Se isso for acontecer, se é para tirar a cruz de dentro dos espaços públicos...

**Folha/UOL: O sr. é a favor da cruz no espaço público?**

**Marco Feliciano:** Sou a favor porque sou cristão. Quando eu olho para ela eu vejo justiça e vejo piedade. Imagine se formos tirar isso, o que vamos fazer com a metade dos Estados brasileiros que têm nome de santo, com as quase cinco mil cidades do Brasil que têm nome de santo. Então nós temos que abolir tudo isso. Ora, o cristianismo não é ofensivo. O cristianismo cuida de pessoas. Falam tanto das nossas igrejas evangélicas, falam só do dinheiro. Você já imaginou esse país sem uma igreja evangélica que cuida de drogados, que busca curar famílias que se divorciarem e coisas mais. O que aconteceria com esse país. Jesus diz que a igreja é o sal da terra e a luz do mundo.

**Folha/UOL: Estamos chegando no final aqui, deixe-me correr. O sr. é contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Agora, no caso da união civil, que resolve problema objetivos entre dois homens e duas mulheres que vivem maritalmente, como por exemplo, herança, aposentadoria. Nesse caso, o sr. tem alguma proposta para resolver?**

**Marco Feliciano:** Veja só, o meu pensamento é um pensamento, eu acho, da maioria dos brasileiros, só que nem a maioria tem voz para falar como eu falo. Eu não sou tonto. Eu não sou iletrado. É claro que a união estável ela tem que ser vista do ponto de vista jurídico. Duas pessoas constroem um patrimônio, uma morre, a outra tem que ter. Todavia, transformar isso em família é um problema. Porque daqui a pouco três homens vão assumir aí...

**Folha/UOL: Mas do aspecto básico aí. Homem e outro homem. Uma mulher e outra mulher. Moram juntas, viveram maritalmente. Uma delas morre. Um deles morre.**

**Marco Feliciano:** Sim.

**Folha/UOL: A herança, o direito de herança, de aposentadoria, isso o sr. é a favor?**

**Marco Feliciano:** Eu acho que é direito das pessoas. Só que eu gostaria de pensar e falar para o pessoal homossexual pensar um pouquinho mais além. A maioria dos homossexuais é apegada ao papai e à mamãe. Eles criarão problema para eles mesmos. Imagina se os dois vivem juntos aqui, de repente morre um, o bem que ele deveria ter deixado para a mãe, para o

pai, ficará para uma outra pessoa, que conviveu com ele, mas que não é da família. Isso eu tenho ouvido de homossexuais.

**Folha/UOL: Mas como deveria ser?**

**Marco Feliciano:** Deveria continuar do jeito que está. Existem liminares para isso. Existe jurisprudência para isso.

**Folha/UOL: O sr. é a favor de continuar havendo esse direito de herança?**

**Marco Feliciano:** Esse direito não tem como ser negado. É constitucional. O problema, da minha luta, é que, veja só: o artigo 226, parágrafo seis da Constituição diz que toda união estável, ela tem que ser, por lei, transformada em união civil. Uma vez transformada em união civil, se torna em família e aí vem a proteção do Estado. O problema é o que vem depois de tudo isso. O problema é que, depois de união civil, eles podem querer a união religiosa. E se eu, um pastor, e o padre, como padre, não quisermos fazer o casamento, nós podemos ser taxados como homofóbicos, como criminosos e irmos parar na cadeia pelo PL 122. O problema é que depois do casamento religioso, eles podem querer, como já brigam pela adoção de crianças. E nós sabemos, a própria psicologia diz, que a criança criada por dois homens ou criada por duas mulheres tem uma problemática sem tamanho. Tem um caso no Canadá de uma mulher criada por duas mulheres...

**Folha/UOL: Mas há casos também em que não acontece isso.**

**Marco Feliciano:** Sim. Mas veja só: é maior o número de casos em que acontece do que os que não acontece. No Canadá tem o caso de uma mulher criada por dois homens. Ela criou lá, agora, uma associação para cuidar psicologicamente das crianças que foram criadas por pessoas do mesmo sexo. Porque, imagine uma menina criada por dois homens. E, como eu disse aqui, o movimento homossexual... Não há limites, não há muita fidelidade entre eles. Eles trocam de parceiros com muita felicidade e expõem uma criança a isso.

**Folha/UOL: Será que é verdade isso que o sr. está falando? Tem dados científicos sobre isso?**

**Marco Feliciano:** Tem dados provados. Existem instituições que estudam sobre isso. Instituições cristãs. Como tem as instituições deles que dizem o contrário. O que é fato é que isso acontece.

**Folha/UOL: Deputado Marco Feliciano, o sr. vai tentar se reeleger no ano que vem?**

**Marco Feliciano:** Olha, eu estou pensando duas vezes, viu? Eu estou vendo aqui.

**Folha/UOL: Mas parece que estão dizendo que o sr. vai ter muito mais votos agora do eleitorado evangélico por conta dessa suas exposições todas. O sr. acredita nisso?**

**Marco Feliciano:** Olha, eu sou humilde neste tipo de palavra e digo que, se eu for candidato, o suficiente mais um, para mim, já estou de bom grato e agradecerei a Deus. Se houver o que todo mundo está falando, que eu não acredito que isso aconteça, é mais uma fantasia, cria um ícone sem existir, será muito bom para o meu partido e poderemos eleger mais pessoas que têm o mesmo tipo de pensamento e a nossa formação.

**Folha/UOL: Quem é o seu ídolo na política?**

**Marco Feliciano:** Bem, eu não tenho ídolo.

**Folha/UOL: Na política não? O sr. admira alguém na política?**

**Marco Feliciano:** Não. Eu admiro pessoas na política. Eu admiro pensamentos. Eu admiro, por exemplo, ver Eduardo Cunha [PMDB-RJ], na parte regimental. Eu acho o Eduardo fenomenal dentro dos regimentos. Conhece os trâmites da política. Acho interessantíssimo ver alguém que me bate muito, mas, para mim, é um dos políticos que mais discursam com segurança, que é Chico Alencar [PSOL-RJ]. Então, nesses quesitos de tribunos, para mim são eles. Mas, uma figura emblemática que marcou a minha vida desde criança sempre foi Ulysses Guimarães. Ulysses era...



**Folha/UOL: Por algum motivo específico?**

**Marco Feliciano:** Era o cara. Era um homem de um equilíbrio, de uma sabedoria, de uma sagacidade... Eu cresci ouvindo histórias de Ulysses, então eu gosto muito dele.

**Folha/UOL: Teve um festival de rock muito rumoroso, com muito público em São Paulo, chamado Lollapalooza. Uma das bandas, Pearl Jam, muito famosa dos Estados Unidos, elogiou a cidade porque disse que ali era possível haver união civil entre pessoas do mesmo sexo. O sr. gosta de rock? Conhece essa banda? Acompanha esse tipo de assunto? O que acha disso?**

**Marco Feliciano:** Não conheço. Eu li alguma coisa no jornal, essa palavra, que é uma palavra que chama atenção, né? Mas eu desconheço esse tipo de música.

**Folha/UOL: O sr. gosta de rock?**

**Marco Feliciano:** Eu gosto de música. Eu sou cantor.

**Folha/UOL: Eu sei, mas o sr. gosta de rock, especificamente?**

**Marco Feliciano:** Existe, na comunidade cristã, o white metal, que é o rock branco. Então, tem uma banda chamada Petra, uma banda americana, que eu gosto muito de ouvi-la. No rock, o som é estridente...

**Folha/UOL: Mas o rock em geral? O rock tradicional. O sr. acha que ele é uma boa influência para a juventude?**

**Marco Feliciano:** Olha, com as letras que tem, não. Se fossem letras politizadas, como... O nosso Brasil teve muito rock politizado, né? As bandas aqui, de Brasília, encantaram a minha geração, inclusive. Mas o rock...

**Folha/UOL: O sr. gosta de algum em particular?**

**Marco Feliciano:** Não, eu acho interessante só. Eu acho só interessante. O rock americano e algumas bandas como AC/DC e algumas outras bandas pesadas onde eles fazem apologia às drogas, apologia ao sexo livre, apologia ao ateísmo, criticam Deus, batem em Deus, isso, para mim, tem uma influência terrível sobre a juventude.

**Folha/UOL: O sr. deu várias entrevistas nos últimos dias, semanas. O sr. é cantor e falou um pouco sobre os seus hábitos estéticos. O sr. disse que alisa o cabelo, faz as sobrancelhas. É isso mesmo? Que cuidados estéticos o sr. tem com a sua imagem?**

**Marco Feliciano:** Veja só. Eu gosto de olhar no espelho e enxergar uma pessoa de boa aparência. Porque bonito eu sei que eu não sou, eu tenho espelho, eu olho para ele todo dia. O meu cabelo, quando criança... Eu sofri muito bullying na escola.

**Folha/UOL: Por quê?**

**Marco Feliciano:** Porque a minha pele é branquinha e o meu cabelo sarará, bem pixaim. E, para cuidar de um cabelo assim, para pentear, é muito difícil. Eu via os meninos me chamarem de coisas ruins. Me equiparavam ao urso do cabelo duro, me chamavam de Capitão Caverna. E eu fui guarda-mirim, também, na minha cidade. E, por quatro anos, a regra da guarda-mirim era raspar o cabelo. Então, o cabelo, que era crespo, durante quatro anos foi raspado e era extremamente duro. Então, quando eu consegui descobrir esses milagres da ciência, que deixam o cabelo um pouco melhor, mais macio, eu comecei a me tratar sim. Tive o apoio da minha família, da minha esposa. E estou muito bem.

**Folha/UOL: O sr. é um homem vaidoso?**

**Marco Feliciano:** Eu me considero um homem cuidadoso.

**Folha/UOL: Não é pecado ser vaidoso?**

**Marco Feliciano:** Não. Pecado é quando a sua vaidade se põe acima de Deus. Aí, é. Aí, nesse quesito, disse Salomão: "Vaidade, vaidade. Tudo é vaidade". Então, nesse quesito, sim. Mas

se cuidar não. Eu estou cuidando do templo do espírito santo. O meu corpo é o templo do espírito santo e eu acho que uma pessoa bem apresentável passa um pouco mais de respeito.

**Folha/UOL:** Muito bem. Deputado Marco Feliciano, muito obrigado por sua entrevista à Folha de S. Paulo e ao UOL.

**Marco Feliciano:** Eu agradeço você, agradeço todo o seu público e que Deus abençoe toda a nação brasileira.